

REVISTA **Águas** *do Rio Doce*

Fortalecendo a gestão das águas pelo desenvolvimento sustentável

Ano II -- Nº 04 -- Jun/Jul/Ago/Set/2006 -- Circulação Dirigida -- R\$ 5,00

Colatina 2006 **O Doce é aqui**

Entrevistas:

- José Carlos de Carvalho
- João Guerino Balestrassi



Eu Sou do Doce

Colatina sediou o
2º Fórum das
Águas do Rio Doce



Globo Ecologia

Bacia do Doce
é tema em
programa especial



Rio Guandu

Mobilização
rumo ao
comitê

SAMARCO EM EXPANSÃO

A EMPRESA CRESCE. A RESPONSABILIDADE CRESCE JUNTO.

Respeito ao meio ambiente sempre foi um valor na atuação da Samarco. Nas obras do Projeto Terceira Pelotização, a empresa vai aplicar mais de R\$150 milhões em equipamentos, programas de preservação, gestão e controle dos impactos ambientais, desde as montanhas de Minas até o mar, no Espírito Santo. Assim, cuida do patrimônio natural, cultiva relacionamentos e contribui para que a comunidade cresça e prospere junto.

empregos
estimados durante
as obras em MG

2.000

investimento
ambiental

R\$150 milhões

municípios
beneficiados pelos
investimentos

25

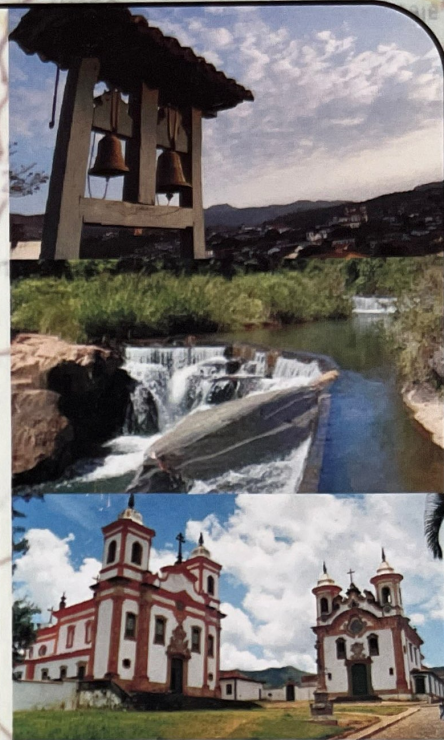
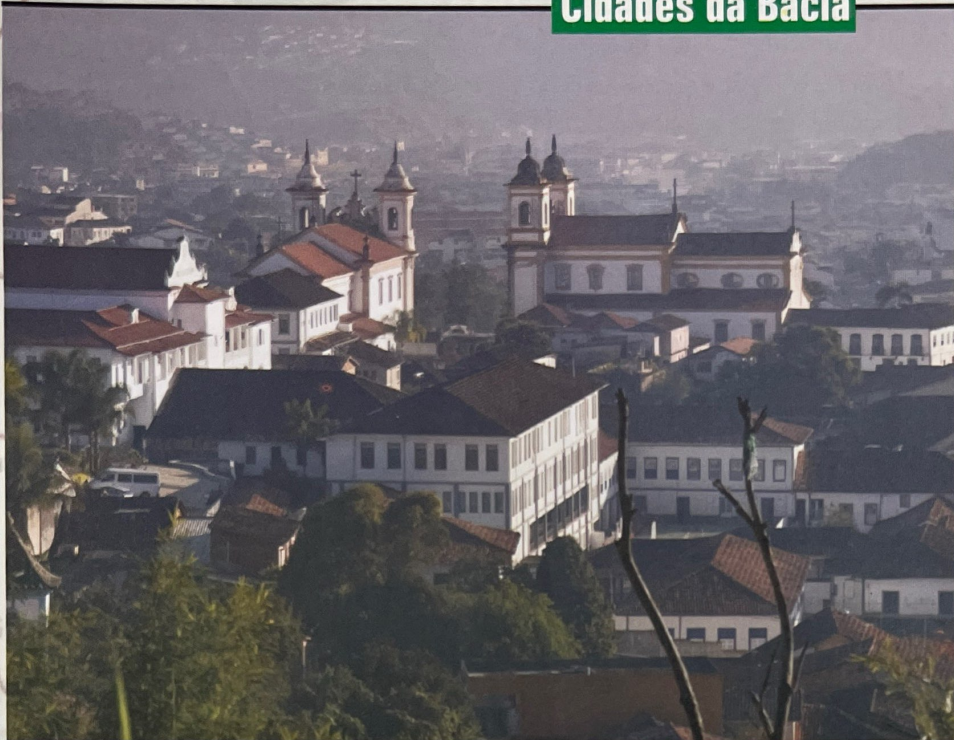
ampliação da
produção

54%

SAMARCO

www.samarco.com

Cidades da Bacia



Fotos / Divulgação / Prefeitura de Mariana

MARIANA

História de riqueza às margens do Carmo

No final do século XVII os portugueses descobriram pepitas de ouro rolando nas águas do ribeirão do Carmo, na região central de Minas Gerais. O metal precioso era tão farto que podia ser catado com as mãos. O ouro chamou a atenção não só pela abundância, como também pela qualidade. Inaugurava-se o Ciclo do Ouro no Brasil e iniciava-se a história da ocupação da bacia do rio Doce.

Mariana se acostumou a ser pioneira. Além do primeiro aluvião de ouro foi primeira cidade emancipada em Minas Gerais, primeira capital, primeira área urbana planejada, teve a primeira câmara de vereadores. Hoje é uma cidade histórica que faz parte da Trilha dos Inconfidentes e do Circuito Estrada Real. Emancipada em 1711, Mariana é uma das 15 cidades mais importantes da bacia. Tem cerca de 47 mil habitantes, população que vem aumentando nos últimos anos pelas oportunidades geradas com o início

da mineração de ferro e pelo crescimento do turismo histórico, cultural, religioso, gastronômico e ecológico.

A cidade se destaca pela imponente arquitetura urbana colonial, com suas igrejas, museus e casario, com destaque para a rua Direita, considerada a mais bela de Minas Gerais. Outros importantes atrativos turísticos são a Mina da Passagem, local onde se concentrava a produção de ouro, e a cachoeira da Serrinha, na serra do Itacolomi. Para o ecoturista, Mariana oferece diversas atividades, como caminhadas, banhos de cachoeiras, *trekking*, *mountain bike*, passeio por grutas e minas, num clima ameno, típico das montanhas de Minas Gerais, e rico de belezas naturais.

O atual momento de crescimento populacional e de expansão industrial vivido por Mariana vem exigindo de seus administradores muita habilidade e solidificação de parcerias para a

preservação e conservação dos patrimônios natural, histórico e cultural.



Foto / Márcio Esutáquio

Resgate de uma dívida

A busca do desenvolvimento a qualquer preço gerou uma conta alta para o nosso meio ambiente. É preciso conscientização e trabalho para haver mudança. Causamos muito prejuízo no passado, mas hoje existe uma consciência mundial da necessidade de recuperarmos e, sem dúvida nenhuma, em nossa região, é muito clara essa percepção.

O Plano Diretor de Mariana, elaborado há 3 anos, estabeleceu várias áreas de preservação ambiental, como por exemplo a Mata do Seminário. Mas, é preciso fazer mais.

Mariana é um dos berços da bacia do rio Doce e o ribeirão do Carmo é motivo de muita preocupação pra nós. Temos consciência da obrigação de tratarmos o nosso esgoto, fazendo com que nossas águas possam correr de forma saudável. Já temos um projeto para toda a cidade, começando pelo distrito de Passagem de Mariana. Esse projeto está orçado entre 25 e 30 milhões de reais e os recursos já estão sendo buscados junto ao governo federal.

Sendo Mariana a primeira cidade de Minas Gerais, nos consideramos atrasados; no entanto estamos imprimindo uma velocidade capaz de fazer recuperar esse tempo.



Celso Cota
Prefeito de Mariana/MG

Ouro no leito

O Ribeirão do Carmo desce encaixado nos terrenos da serra do Espinhaço para a bacia do rio Doce. Nasce no município de Ouro Preto e recebe 17 afluentes até onde se encontra com o rio Piranga e passa a se chamar rio Doce.

Explorado até os dias de hoje, nos cascalhos e areias do leito e nos terraços fluviais do ribeirão do Carmo, o ouro constitui a riqueza da região desde a origem de Mariana.



História registrada em museus



Fundado em 1962, o **Museu Arquidiocesano** é considerado o mais rico e completo acervo de arte sacra de Minas Gerais e o segundo do Brasil, com cerca de duas mil peças. O **Museu da Música** é o único do gênero no país. O **Museu do Livro** contém obras raras e revolucionárias do século XVIII que ajudaram diretamente nos destinos da Inconfidência Mineira. Funciona na praça Gomes Freire, no antigo Palácio dos Bispos. O **Museu Casa de Alphonsus de Guimaraes**, situado na conhecida rua Direita, possui objetos e móveis daquele que foi um dos maiores poetas simbolistas do país.

Igrejas e capelas atraem olhares diversos

A tradição de fé católica é demonstrada em cada esquina de Mariana, que foi a sede da primeira diocese de Minas Gerais, em 1696. A Catedral de Nossa Senhora da Assunção, conhecida como a Sé de Mariana, foi erigida em 1703 e guarda tesouros da arte barroca como o órgão Arp-Schnitger, fabricado na Alemanha, e doado à cidade por D. João V.

No antigo largo do Pelourinho, hoje praça Minas Gerais, há um fato raro na história das construções religiosas. Duas igrejas, de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, foram construídas



Praça Minas Gerais



a poucos metros de distância uma da outra. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada no Morro do Rosário foi construída entre os anos de 1752 e 1758, por iniciativa das Irmandades dos Pretos de São Benedito, Santa Ifigênia e do Rosário, pois, como era comum na época, brancos e negros não se misturavam.

Belas capelas completam o conjunto de construções religiosas de Mariana. A mais antiga é provavelmente a capela de Santana construída por volta de 1720.

Edição: Zaira Andrade - MTb 3169/MG
Redação: Carlos Fontainha - MTb 417 / MG
Fabiane Arêdes - MG10280JP
Revisão: Carlos Alberto Fontainha,
José Carlos Cerqueira
Diagramação: Juceli Neves de Paula
jucelineves@yahoo.com.br

Ilustração: Markinho
Fotografia: Thalís Tebaldi, Priscilla Fabiana,
Marcelo Sputnik, Maria Esther Arruda Kill,
Alex Cavati, Paulo Randow, Assessorias de
Comunicação e Imprensa: IEMA, Consórcio
Guandu, Sítio Capiáu, IGAM, Samarco,
CVRD, Prefeituras de Linhares, Mariana,
Baixo Guandu e Colatina.

Fotos da Capa:

Thalís Tebaldi

Colaboração: Valéria Rocha, Priscilla
Fabiana, Célio Bartole, Karla Libardi,
Nicholas Anacleto, Maria de Fátima Queiroz
Martins, Djeisan Lettieri, Evelyne Calafange

Impressão: Gráfica Brasil-Líder
Rua Raul Soares, 255 - Centro
Tel.: (33) 3321-2424 - Caratinga - MG
gbrasilider@prodatanet.com.br

Tiragem: 8.000 exemplares

Fale conosco:

redacao@aguasdoriadoce.com.br
Caixa Postal 13 - Dom Cavati - MG
CEP: 35 148-000

Departamento Financeiro:

Maria de Fátima Queiroz Martins
Queirozmartins@superig.com.br

Departamento Comercial:

Pedro Paulo de Oliveira Martins
(33) 3357-1399

Escritório no ES:

Labgest - Prédio da Engenharia Ambiental
Centro Tecnológico - Ufes - Vitória/ES

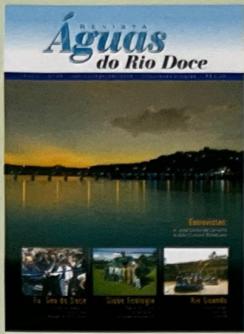
Maria Esther Arruda Kill
esther@aguasdoriadoce.com.br
(027) 3335-2076

Uma publicação do:



www.aguasdoriadoce.com.br

Coordenação: Edmilson Costa Teixeira
Pedro Paulo de Oliveira Martins
Zaira de Andrade Paiva



Materia de Capa

Cidade das Águas
Entre 29 e 30 de março de 2006,
Colatina sediou o maior
evento da bacia - **12**



Cidades da bacia

Mariana, berço da bacia - 3
Baixo Guandu, pólo em
desenvolvimento - **57**



Entrevistas

José Carlos de Carvalho,
titular da SEMAD - **7**



João Guerino Balestrassi,
presidente CBH-Doce - **23**

Bons Exemplos

Produção mais limpa - **29**
Consórcio de resíduos sólidos - **30**
Reaproveitamento de materiais - **31**
Valorização da cultura - **32**



Eu Sou do Doce

Perfil do economista
Arlindo Vilaschi - **28**



Artigos

Glória Abaurre - **11**
Gandy Camargo - **33**
Fábio Anhert - **36**
Ney Murtha - **39**
José Eduardo - **47**



Rio Guandu

Rumo ao comitê - **34**



Televisão

Bacia do Doce no Globo Ecologia - **46**

Carta ao leitor

Iniciamos este editorial agradecendo a todos que contribuíram para a primeira fase de vida do Projeto Águas do Rio Doce, com um ano e meio de duração (outubro de 2004 a abril de 2006).

Entre os principais marcos desta fase tivemos: realização do primeiro e do segundo Fórum das Águas do Rio Doce - Governador Valadares/MG, em 2005 e Colatina/ES, este ano; lançamento da Revista Águas do Rio Doce, já em seu quarto número; estabelecimento de uma rede de e-mails com aproximadamente 20 mil assinaturas, com participantes de todas as regiões do Brasil; implantação de página eletrônica na internet (www.aguasdoriodoce.com.br); realização de encontros com setores da sociedade (gestores municipais, ensino fundamental e médio, saneamento, cheias e inundações, agropecuária, ciência e tecnologia, pesca) voltados para a elaboração de agendas de trabalho para o fortalecimento dos sistemas de gestão das águas e ambiental; realização de uma série de cursos de capacitação de curta duração em temas diversos afins à área "Recursos Hídricos & Desenvolvimento Sustentável Regional", destacando aquele realizado em março passado, de 40 horas, dirigido a mais de 700 educadores das redes de ensino fundamental e médio, dos municípios de Colatina, Linhares, Santa Tereza e vizinhança, por meio do sistema de vídeo-conferências; e, principalmente, reconhecimento do projeto como um parceiro do sistema de gerenciamento de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Doce por parte dos atores envolvidos.

Mesmo com pouco tempo de vida, já percebemos que, tendo em vista o elevado nível de cooperação com o projeto, seja de pessoas, seja de instituições, são grandes as chances de cumprimento do enorme desafio a que nos propusemos de "... contribuir com o processo de Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, em prol do desenvolvimento sustentável da região e de forma mais ampla dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais". Para a segunda fase do projeto, com três anos de duração (de maio de 2006 a abril de 2009), tomamos como objetivos centrais fortalecer a noção de identidade de bacia ("Eu sou do Doce!") e propiciar maior integração entre os diversos segmentos e atores relacionados com a gestão das águas, bem como das políticas de desenvolvimento para a região, através dos eixos temáticos do projeto: articulação, mobilização, marketing e informação.

Assim, aproveitamos a oportunidade para convidá-lo a participar conosco dessa longa, mas prazerosa caminhada. A torcida pelo Doce não pode ser só de 4 em 4 anos, e sim uma dedicação de todo dia.

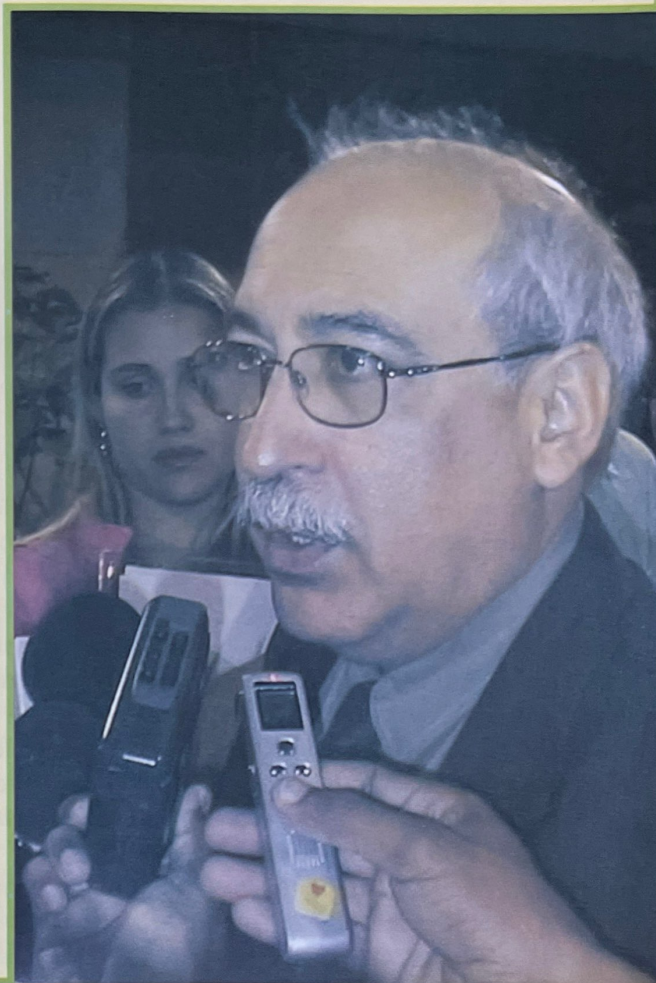
Mais uma vez, nosso MUITO OBRIGADO!!

*Edmilson Costa Teixeira
Pedro Paulo de Oliveira Martins
Zaira de Andrade Paiva*

Solidariedade institucional

Engenheiro florestal formado no Rio de Janeiro, iniciou sua carreira na bacia do rio Doce, na década de 70. Foi ministro do Meio Ambiente no governo Fernando Henrique Cardoso e liderou a representação brasileira e latino-americana na Conferência de Joanesburgo/África do Sul. É um dos poucos latino-americanos a ter assento e participação ativa em eventos setoriais promovidos pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em diferentes países.

Idealizador e estruturador da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (SEMAD), é secretário pela segunda vez. Nesta entrevista falou sobre integração de agendas, papel dos comitês e, claro, a bacia do rio Doce.



Como está o sistema de meio ambiente em Minas Gerais?

Nos últimos três anos, colocamos em execução o Plano de Reorganização da Administração Ambiental do Estado, objetivando o fortalecimento institucional da gestão, tendo como foco prioritário a gestão colegiada, participativa e descentralizada. Em razão disso, investimos fortemente na implementação das Unidades Regionais do Conselho de Política Ambiental (Copam). Já foram todas instaladas nas oito regiões fisiográficas do Estado, num processo de regionalização que combinou bioma e bacia hidrográfica. Com o mesmo propósito apoiamos

decididamente a instalação dos Comitês de Bacias Hidrográficas (CBHs) de domínio estadual, com destaque para os rios São Francisco e Doce, nos quais quase todas as bacias dos rios afluentes já têm seus CBHs instalados ou em fase de instalação.

O senhor acha possível promover a integração entre os órgãos de meio ambiente em Minas Gerais?

A lei 9.433, ao instituir a outorga para diluição de efluentes, criou a principal intersecção entre o Sistema de Meio Ambiente e o Sistema de Recursos Hídricos e apontou para a necessidade de integração de

procedimentos. Minas Gerais é quase um espaço experimental para o Brasil no que se refere a esta integração. Como nós integramos os instrumentos de gestão, estamos forçosamente fazendo a integração entre as instituições.

O primeiro passo já foi dado através do Sistema Integrado de Informação Ambiental (SIAM) que integrou os bancos de dados do IEF (Instituto Estadual de Florestas), da Feam (Fundação Estadual de Meio Ambiente), e do Igam (Instituto Mineiro de Gestão das Águas).

Na prática, o que isto significa para o usuário e a população em geral?





A partir deste mês, todos os processos de licenciamento estarão digitalizados e disponibilizados de forma integrada para os três órgãos. Em breve os membros do Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH), dos Conselhos de Política Ambiental (Copams) e Comitês de Bacias Hidrográficas terão acesso e poderão acompanhar os processos através de uma senha via internet, sem ter que se deslocar de suas regiões para BH. Isto irá representar agilidade, transparência e descentralização.

Já estamos a um passo de implantar o licenciamento e a outorga *on line*. Onde houver um computador conectado à internet haverá um escritório da SEMAD. Mas a descentralização, com a criação das Superintendências Regionais de Meio Ambiente, além de facilitar os procedimentos para os usuários, visa à regionalização das agendas, aproximando-as das realidades locais.

Com a integração dos órgãos, as três agendas da SEMAD se fundem?

As três agendas são complementares, mas requerem culturas técnicas e organizacionais diferentes.

O IEF permanece com a agenda verde, a FEAM com a agenda marrom e o IGAM com a agenda azul. Há entre elas uma complementaridade que precisa ser considerada nesta busca de integração.

Qual é o verdadeiro papel do CBH no gerenciamento das questões ambientais da bacia hidrográfica?

Um grande papel dos CBHs poderá ser o da elaboração dos planos de bacia. Este instrumento de gestão previsto na lei irá propor as ações estratégicas para o gerenciamento dos recursos hídricos e o desenvolvimento da região. O plano é o instrumento que materializa a pactuação da bacia. A partir dos planos de bacia estabelecem-se as

diretrizes para implementação dos demais instrumentos de gestão na bacia.

A SEMAD está colocando no orçamento para 2007 recursos para elaboração de planos de bacias. Cabe aos CBHs se prepararem e irem em busca dos parceiros. O ideal é que os comitês comecem com planos mais simples que possam ser aperfeiçoados aos poucos. Já temos muitos dados, muitas informações para começar. O plano de bacia não necessita ser definitivo. Pode e deve evoluir de acordo com as metas atingidas.

Como o senhor avalia a relação entre os comitês de bacias e os Copams regionais, especialmente na bacia do Doce?

“ A bacia do Doce pode se transformar em modelo de gestão a ser seguido pelas outras bacias brasileiras ”



O governador Aécio assumiu publicamente que quer a gestão compartilhada. O diretor geral do IGAM, Paulo Teodoro, e eu recebemos a missão de trabalharmos para alcançar este objetivo. Já conseguimos implantar o licenciamento integrado que é condição *sine qua non* para a integração institucional. A instalação dos CBHs e das Unidades Regionais do Copam já é uma realidade. A partir de agora iremos trabalhar mecanismos de integração entre eles, nas suas respectivas jurisdições.

E como deve acontecer, na opinião do senhor, a relação entre os CBHs dos rios afluentes e o CBH-Doce?

Na relação entre as bacias dos rios de domínio federal e dos estados, o grande desafio é fazer o modelo funcionar sem competição, mas levando em consideração a solidariedade institucional. Não existe nenhuma fórmula pronta. A relação, com certeza será construída no dia a dia.

Acredito que a bacia do rio Doce é onde temos as condições mais objetivas para deslanchar o sistema de gestão, podendo se transformar em um modelo a ser seguido pelas outras bacias brasileiras. Algumas dessas condições merecem ser destacadas. Do lado mineiro, dos seis comitês previstos para a bacia cinco já estão instalados e funcionando, o último em fase final de instalação e ao que parece, no Espírito Santo, o caminho também está sendo este, dando prioridade à instalação dos CBHs.

Como é a relação entre os dois estados na bacia do Doce?

O Doce tem excelente relação interestadual. Sempre tivemos bom relacionamento com o Espírito Santo e este é um fator que contribui na integração institucional dos estados. O Espírito Santo está vivendo um



momento tão bom de gestão pública quanto Minas Gerais. O estilo gerencial do governador Paulo Hartung é muito semelhante ao do governador Aécio Neves. E meu relacionamento com a Glorinha (Glória Abaurre, *secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo*) facilita a busca da integração dos dois estados no comitê do Doce. Prova desse relacionamento é como vem sendo conduzida a diretoria do CBH-Doce, com alternância de poder independente do número de votos no colegiado. No período de transição entre a presidência do mandato passado para o atual, Glorinha assumiu a presidência e Paulo Teodoro a vice-presidência dando exemplo de maturidade para os demais comitês do Brasil.

Como o senhor vê o Fórum das Águas do Rio Doce?

Tive a oportunidade de estar presente nas duas edições do fórum e vi com muito bons olhos. Todo o modelo proposto de gestão ambiental pressupõe uma mobilização que leve ao engajamento. O Fórum das Águas

do Rio Doce é uma iniciativa extremamente positiva que tem demonstrado a capacidade para trazer mais e mais pessoas para o processo de gestão das águas. Ele ajuda a dar uma visibilidade aos comitês, facilita e propicia a desejada integração da bacia.

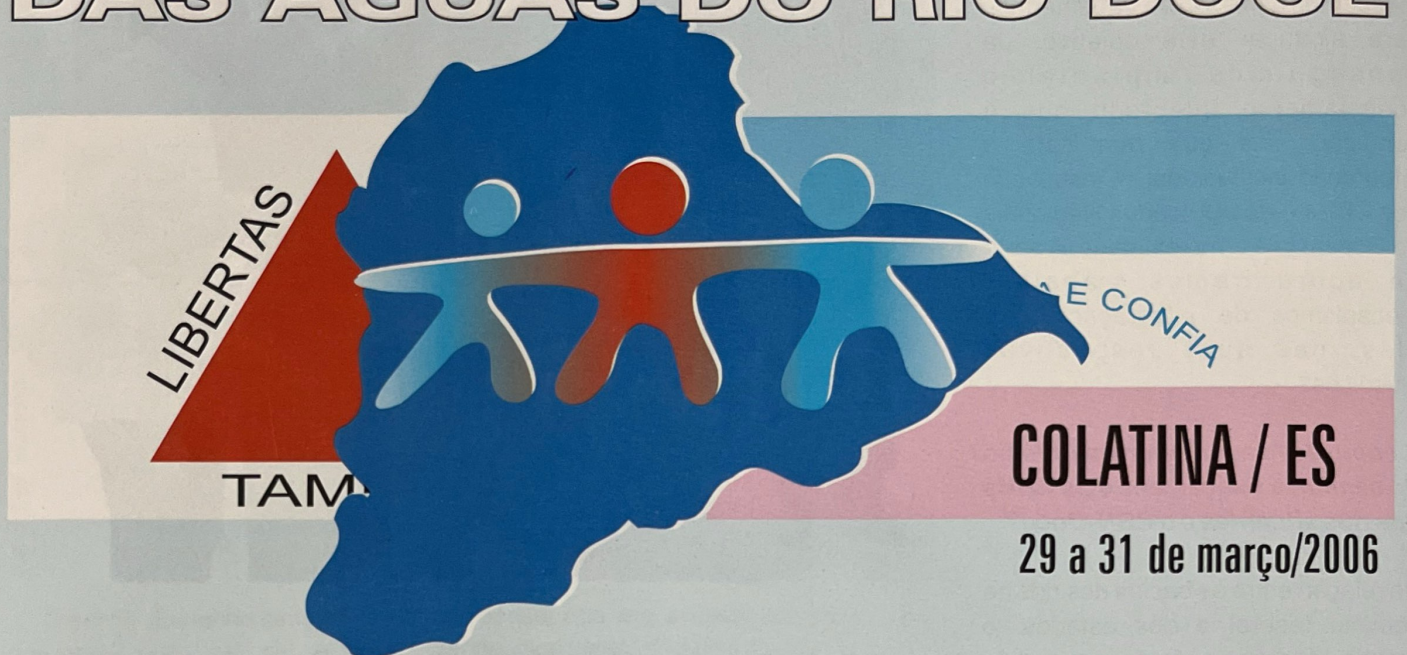
E qual é o papel do cidadão?

A questão ambiental aparece subjacente às questões econômicas e sociais. O uso dos recursos naturais estava ligado ao mito da inesgotabilidade, mola propulsora da cultura do desperdício.

Acumulamos grande passivo ambiental no país, mas hoje, a sociedade avançou. Tivemos mudanças significativas de percepção com relação à natureza. Toda vez que fazemos uso predatório dos recursos naturais estamos criando problemas econômicos futuros.

A gestão ambiental moderna, além de exigir investimentos dos governos, exige compromisso da sociedade, redirecionamento de investimentos das empresas e mudanças de comportamento do cidadão.

II FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE



Agradecemos aos nossos parceiros e colaboradores

Promoção:



Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - IEMA

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS

GOVERNO DO ESTADO
ESPIRITO SANTO
A HORA É ESSA

www.es.gov.br

Apoio institucional:

- Agência Nacional de Águas • Centro Universitário de Caratinga
- Comitês da bacia hidrográfica do rio Doce • Rede Gazeta • Universidade Federal do Espírito Santo

Patrocinadores e parceiros:

- 2ª Companhia do Batalhão de Bombeiros Militares/ES
- 8º Batalhão Polícia Militar do ES
- ACODE
- ADERC
- ADESC
- Agência Nacional de Águas/MMA
- AGEVAP - Agência da Bacia do Rio Paraíba do Sul
- Alma do Rio
- Amigos da Água
- AMUNES
- Arcelor Brasil/CST
- ASSEDIC/CDL/Sindilojista/Sinvesco
- Assembleia Legislativa/ES
- Assembleia Legislativa/MG
- Assurcol
- BANDES
- Beira do Rio Produções
- Bosi Fruti/ Água Ingá
- Café Meridiano
- Caliman Agrícola S.A
- Casa da Irrigação
- CBH - Caratinga
- CBH - Doce
- CBH - Manhauçu
- CBH - Piracicaba
- CBH - Piranga
- CBH - Santa Maria do Doce
- CBH - Santo Antônio
- CBH - Suaçuí
- CEF
- Cemig
- Cenibra
- Cesan
- Consórcio do Rio Caratinga
- Consórcio do Rio Guandu
- Consórcio Intermun. de Resíduos Sólidos do Norte/ES
- CREA/ES
- Creaad/Neaad/UFES
- CVRD
- ENGESTE
- Escelsa/Energest
- Escola Agrotécnica Federal de Colatina
- ESFA
- FICAB
- Fórum Juiz João Cláudio - Colatina
- FUNASA
- GB Lavanderia e Tinturaria
- Inforgraph
- Instituição Marista/ Colatina
- Instituto Terra
- LABGEST/ DEA UFES
- Lei Básica
- Livraria Cordis
- Luz e Força Santa Maria
- Ministério da Integração Nacional
- MS Cerimoniais, Promoções e Eventos Ltda.
- Petrobras
- Polícia Ambiental/ES
- Prefeitura de Afonso Cláudio
- Prefeitura de Baixo Guandu
- Prefeitura de Brejetuba
- Prefeitura de Itabira
- Prefeitura de Laranja da Terra
- Prefeitura de Dom Cavati
- Prefeitura de Governador Valadares
- Prefeitura de Inhapim
- Prefeitura de Ipatinga
- Prefeitura de Linhares
- Prefeitura de Santa Bárbara do Leste
- Prefeitura de Santa Teresa
- Prefeitura de Ubaporanga
- Projeto Tamar
- Realiza Consultoria e Projetos
- SAAE- Itabira
- SAAE - Raul Soares
- SAAE - GV
- Samarco Mineração S.A
- Sebrae/ES
- Sec. de Est. de Des. Econômico e Turismo/ES
- Sec. Municipal de Educação e Cultura de Santa Teresa
- Sec. Municipal de Educação e Cultura de Colatina
- Sec. Municipal de Obras de Colatina
- Sec. Municipal de Segurança de Colatina
- Sec. Municipal de Educação de Linhares
- Sec. Municipal de Turismo de Santa Teresa
- Senac
- Sindicato da Olatia
- Sindirocha
- SRH/MMA
- Tiro de Guerra de Colatina
- UL Química
- UNEC
- UNESC
- Unimed
- Univale
- Universidade Eduardo Mondlane/ Moçambique
- Usina Hidrelétrica de Aimorés
- Vigilância Sanitária de Colatina
- UNOPAR
- Vigilância Capixaba

**Vamos estar juntos, novamente,
em Ipatinga / 2007**

Realização:

**PROJETO
Águas do Rio Doce**



Integração na prática

Glória Abaurre*

O atual modelo de gestão de recursos hídricos apresenta significativas inovações na condução de políticas públicas. Garantir a participação da sociedade no processo decisório na gestão da bacia através dos comitês é um grande passo e, ao mesmo tempo, um grande desafio. Para tanto é preciso não só sensibilizar e envolver toda a população, mas também mudar alguns paradigmas das unidades de planejamento relacionadas aos limites políticos e administrativos para uma ótica que considere a integralidade da bacia hidrográfica nos seus aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais.

É preciso mudar os paradigmas e disseminar uma visão muito mais ampla, que congregue a interdependência de todos os usos da água, a inter-relação entre os arranjos produtivos e suas relações com os recursos naturais. Do mesmo modo é preciso promover ações para o desenvolvimento de um sentimento coletivo de conservação afinado com a racionalidade e sustentabilidade dos modelos produtivos.

A mobilização social objetivando integração, intercâmbio de idéias e experiências, é um meio para manter acesa a chama da participação e o fortalecimento da gestão das águas e garantir o diálogo entre a vontade da bacia e o conhecimento técnico que, unidos, podem viabilizar a gestão sustentável dos recursos hídricos.

Não existe manual único de procedimentos para promover a integração. Em cada região nascem ações diversas que contribuem para o envolvimento sadio de pessoas em prol da recuperação, da preservação e do uso racional da água. Uma iniciativa de destaque é o Fórum das Águas do Rio

Doce, ocorrido este ano na cidade de Colatina, no Espírito Santo.

A definição do tema "o fortalecimento da identidade do cidadão da bacia" foi feliz e reflete a necessidade de engajamento das pessoas na internalização do papel de cada um na utilização sustentável dos recursos naturais. Durante os três dias do fórum diversas atividades ocorreram: apresentações teatrais, oficinas educativas, palestras e cursos, exposição de trabalhos, entre outras. Em cada atividade pôde-se observar o despertar do interesse pelo tema e o enriquecimento com idéias e a formação de verdadeiras redes de pessoas e instituições. Foi uma ótima oportunidade para reunir em um só local, pessoas de diversos lugares e ligadas a diferentes setores da sociedade, buscando o desenvolvimento sustentável da bacia.

A presença dos comitês dos rios afluentes ao Doce também foi marcante, e ficou claro que se faz necessário o fortalecimento dos mesmos para a boa gestão de toda bacia. A presença de alunos de diversas escolas criou oportunidade para a vivência na prática de diversos conceitos que são trabalhados pelos professores em sala de aula. Neste trabalho, sentimos que ainda temos muito que aprender com outras regiões da bacia.

Existem muitas manifestações culturais regionais que ocorrem próximo a nós e que desconhecemos. No entanto, o processo de gestão dos recursos hídricos nos aproxima cada vez mais e o desenvolvimento regional integrado deve estar entre as prioridades de qualquer cidadão da Bacia do Doce.

*Maria da Glória Brito Abaurre, bióloga, é secretária estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo e presidente do IEMA

II FÓRUM DAS ÁGUAS DO

Atenção de toda a bacia voltou-se para Colatina durante os três dias de realização do II Fórum das Águas do Rio Doce, onde se reuniram as mais importantes lideranças intelectuais, políticas, empresariais e técnicas com atuação no âmbito

da gestão de recursos hídricos. Membros de todos os comitês de bacias dos rios afluentes ao Doce, educadores, artistas e, principalmente, crianças e jovens, participaram dos diversos espaços do fórum. Reportagens nos principais veículos de comunicação de

O Doce é aqui!
Durante três dias
Colatina foi a
Cidade das Águas

14 e 15



Envolvimento de
crianças e jovens
prepara as
gerações futuras

16 e 17



RIO DOCE

Minas Gerais e do Espírito Santo, *flashes* na Rede Gazeta e na TV Assembléia e a transmissão ao vivo da Missa das Águas pela Rede Vida possibilitaram a repercussão do evento nacionalmente.

O tema do II Fórum das Águas do Rio Doce foi a

identidade de bacia expressa na frase "Eu sou do Doce". A relação entre água e desenvolvimento permeou as discussões técnicas e até mesmo as atividades lúdicas, fortalecendo o conceito de desenvolvimento sustentável da região.

Programação técnico-científica em apóia a gestão das águas

18 e 19



Feira das Águas mostra soluções e experiências

20 e 21





As ações de mobilização, organização e execução do II Fórum das Águas do Rio Doce ocuparam vários meses de trabalho e uma delicada estratégia de envolvimento dos diversos segmentos. Foram dezenas de reuniões, palestras e apresentações sobre o projeto realizadas em Minas Gerais e no Espírito Santo a partir do segundo semestre de 2005. A prefeitura de Colatina e o SANEAR, através de seus dirigentes e funcionários foram militantes dedicados que fizeram a diferença.

O Doce é aqui

Autoridades de todas as esferas de governo compareceram à solenidade de abertura do II Fórum das Águas do Rio Doce, realizada no Salão do Júri do Fórum Juiz João Cláudio. A mesa de abertura dos trabalhos foi composta pelo prefeito anfitrião, João Guerino Balestrassi, o vice-governador do Espírito Santo, Lelo Coimbra, o secretário nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, João Bosco Senra, a secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo, Glória Abaurre, o secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais, José Carlos de Carvalho, o diretor geral do Instituto Mineiro de Gestão das Águas, Paulo Teodoro, o presidente da Cipe Rio Doce, deputado José Henrique, o coordenador da Cipe Rio Doce no Espírito Santo, deputado Paulo Foletto, o superintendente de

Apoio aos Comitês da Agência Nacional de Águas, Rodrigo Flecha, o prefeito de Governador Valadares e vice-presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, José Bonifácio Mourão.

Deputados, presidentes de comitês de bacias, prefeitos, vereadores, secretários municipais, empresários, reitores de universidades, dirigentes de estatais, de ONGs e sindicatos, estudantes, produtores rurais e ambientalistas lotaram o auditório. O bispo de Colatina, dom Décio e a presidente da Ordem dos Pastores Evangélicos de Colatina, pastora Nilda, realizaram juntos uma cerimônia de bênção. Durante a cerimônia, o governo do Espírito Santo, através do IEMA, assinou um convênio de cooperação técnica e financeira com a SRH/MMA para viabilizar a elaboração do Plano de Recursos Hídricos do estado.



Missa das Águas

A noite de abertura do evento foi marcada pela realização de uma missa solene, na Catedral do Sagrado Coração de Jesus, em Colatina, celebrada pelo bispo diocesano e acompanhada pelo vigário da catedral e dezenas de seminaristas. Transmitida ao vivo pela Rede Vida, teve alcance nacional levando o nome da bacia, o evento e a cidade de Colatina para todos os recantos do Brasil.

A missa foi abrilhantada pelo coral "Monsenhor Rubens Duque" e teve a participação de integrantes do grupo Encontro de Jovens com Cristo e alunos de várias escolas de Colatina com números de dança e outras performances. Os textos alusivos ao rio Doce tiveram seu ponto alto na homilia proferida pelo bispo dom Décio exaltando a bacia hidrográfica, da nascente à foz.

Opinião

Mistura perfeita

À primeira vista parece uma mistura imperfeita de líquidos imiscíveis. Por dentro nota-se uma integração total e uma perfeita articulação entre as moléculas que constituem a substância química que curará a doença do passado, que levou a uma degradação da qualidade de vida do homem nos séculos que trouxeram o que hoje chamamos desenvolvimento. A Gestão Integrada dos Recursos Hídricos, do ponto de vista ambiental, transcende a simples planificação de uso conjunto de diversas formas de recursos, superficiais, subterrâneos ou atmosféricos, mas inclui a integração do homem e suas ações sobre os recursos de forma a determinar o equilíbrio ótimo com vista a sustentabilidade ambiental do modelo de desenvolvimento.

De forma única o Fórum das Águas do Rio Doce estimula esta integração do homem no processo de gestão ao permitir a colisão sem turbulência dos vários átomos que compõem a mistura que dará a possibilidade de alcançarmos o almejado desenvolvimento sustentável.

Aspectos focais do Fórum, que, para mim, constituem marco importante na história da gestão participativa e estabelecimento do conceito de desenvolvimento sustentável são dados, primeiro, pelo enfoque na educação ambiental da criança, não como forma de aprendizagem de boas maneiras para com o ambiente, mas como o despertar da sua ligação natural com o meio.

A outra é a participação vertical dos atores humanos no processo de gestão num formato horizontal. Isto foi feito em palestras (oficinas) que permitiam a colocação de idéias de forma aberta pelos reais atores na presença de especialistas (teóricos e práticos) e políticos.

A Feira tem uma dimensão importante na medida em que dá demonstrações do que se pretende com o conceito dado e a forma de alcançá-lo. A apresentação temática de matérias ligadas ao desenvolvimento sustentável em feira, dá uma oportunidade de experimentar as soluções ao vivo.

Outro ponto positivo é o compromisso político mostrado pelo aproveitamento das sessões plenárias para articular com os intervenientes no processo, dando uma visão da abordagem que conforta esta classe de atores dada a sensibilidade e o custo que ações drásticas implicam para si.

A organização do evento é muito robusta e à altura do mesmo. Foi uma experiência inédita, os *focus* de decisão nunca me pareceram deslocados, pareceu-me que os diferentes atores dominavam o circuito todo de decisão, o que, de certa forma, permitia ações rápidas sem que os visitantes notassem a cadeia usada para a decisão. Mais tarde ouvi que o truque foi mobilizar a equipe para o local 45 dias antes do evento.

Enaltecimento ao Fórum das Águas do Rio Doce !!! Uma estrela a ser contemplada e para guiar processos mais complexos em outras regiões como a de onde eu venho. Bebi do Doce e de sua gente, algo que ficará na minha memória e me instiga a verificar se tal árvore não existirá em algum lugar próximo de onde eu venho.

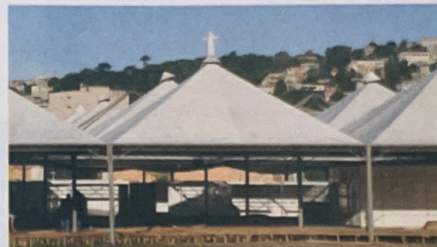
***Dinis Juizo, Faculdade de Engenharia,
Universidade Eduardo Mondlane Moçambique/África**



Dinis Juizo*



Cidade das Águas



A cidade anfitriã colocou em prática seu slogan "Colatina de braços abertos" envolvendo nas atividades preparatórias instituições governamentais e da sociedade civil. Um espaço urbano privilegiado, localizado na área central, a praça Sol Poente, foi totalmente revitalizado para abrigar o II Fórum das Águas do Rio Doce.

O total ocupado pela estrutura do evento aproximou-se de 15.000 m², sendo 3.350 m² de área construída, coberta por lonas piramidais. Palestras, encontros, reuniões e debates ocuparam salas e auditórios já existentes na praça Sol Poente, nos prédios do Creaad/Ufes, Unimed, Fórum Juiz João Cláudio e Senac.





Crianças e jovens receberam atenção especial do II Fórum das Águas do Rio Doce. Eles atuaram como expositores na Feira Escolar e como monitores nas oficinas. Passearam pelo ambiente, envolveram-se com os adultos e se divertiram muito nas diversas atividades lúdicas oferecidas nos estandes da Feira das Águas.

Geração futura

As histórias do personagem Zé Dendágua foram o fio condutor das oficinas educativas que aconteceram nos três dias do evento. Organizadas por turma controladas pela equipe vigilante da secretaria municipal de Educação, as crianças percorreram os corredores e salas ilustrados com grandes painéis pintados à mão para conhecer a história da ocupação da bacia e seus aspectos sócio-econômico-ambientais. Turmas de terceira idade e de jovens também participaram das aulas educativas.

A Polícia Ambiental falou sobre legislação e fiscalização ambiental. A ONG Alma do Rio provocou a meninada mostrando o destino do xixi e do cocô. O "Pescador", jovem ambientalista da base do Projeto Tamar em Regência, contou "causos" da foz.

Diversas atividades foram desenvolvidas nos estandes da Feira das Águas. Contadores de histórias, jogos, distribuição de brindes, apresentação de vídeos. Valeu de tudo para chamar a atenção não só da criança como também dos adultos para o tema água.



No estande do governo capixaba, foi possível passear sobre um mapa visitando lugares e conhecendo um pouco da geografia e economia do estado. Na área externa, três mil estudantes andaram sobre uma maquete bidimensional da bacia hidrográfica do rio Doce, com 300 m², armada na quadra poliesportiva da praça Sol Poente.



Jovens entre 15 e 20 anos de idade, voluntários das escolas de Colatina, receberam vinte horas de capacitação nos dias que antecederam ao evento para atuarem como monitores nas oficinas educativas. A expectativa é de que eles venham a ser multiplicadores na mobilização da sociedade em torno do tema água.

Trinta estandes foram destinados à Feira Escolar, com participação de instituições de ensino de Colatina e outras cidades da bacia. Mil cento e oitenta alunos, professores e funcionários revezaram-se no atendimento ao público. Os estandes apresentaram temas definidos pelas próprias escolas voltadas para o lema "Eu Sou do Doce". A complexidade do trabalho não assustou alunos e professores que encararam o desafio mergulhando na pesquisa bibliográfica e de campo, envolvendo instituições e famílias. O resultado foi de encher os olhos e dar orgulho a pais e professores. A criançada deu show de conhecimento e competência.

Opinião

Preservação do Doce

Empenho de alunos e professores

Rafael Rosa*

A Instituição Marista participou do Fórum com três estandes, o primeiro, institucional, em parceria com a ONG mineira "Amigos da Água", que desenvolveu trabalhos de pintura em CDs inutilizados, pintura corporal, apresentação de softwares, entre outras atividades. A circulação de pessoas nesse estande foi considerada um sucesso e um bom trabalho de conscientização foi feito pelos "Amigos da Água" e os alunos maristas.

O segundo estande foi ocupado pelo Colégio Marista que apresentou a visão sobre o futuro do rio Doce, comparando aquários com água limpa onde os peixes podem viver normalmente e aquários com dejetos plásticos, metálicos e papéis, além de um projeto desenvolvido com os professores das áreas de Matemática e Biologia sobre o rio Santa Maria.

No terceiro estande, a Escola São Marcelino Champagnat, que funciona em parceria com a Prefeitura Municipal de Colatina, apresentou um trabalho transdisciplinar sobre a importância da água do rio Doce na produção de energia elétrica, apresentando uma maquete de uma usina hidrelétrica e de uma casa. Os alunos apresentaram alternativas de economia de energia e preocupação com a água.

Enfim, os trabalhos realizados em torno do II Fórum foram um sucesso, tanto para os professores, quanto para os nossos alunos e é nessa perspectiva que aguardamos o III Fórum das Águas do Rio Doce. Que ele seja um sucesso como foi o nosso!

*Rafael Rosa, biólogo, professor de Ciências do Colégio Marista de Colatina e da Escola Marista São Marcelino Champagnat



Desenvolvimento Sustentável

Uma questão em debate

Crescer economicamente sem causar impactos negativos ao meio ambiente, bem como o usufruir de forma significativa, promovendo benefícios para toda uma sociedade, é um desafio permanente. Nesse âmbito, o papel da Gestão Ambiental na articulação de agentes sociais envolvidos no processo, é crucial, no sentido de fomentar as discussões e formular diretrizes para a tomada de decisões sobre o uso, proteção, conservação e monitoramento dos recursos naturais e sócio-econômicos de uma região.



Dora Torezani*

Um movimento social dessa natureza foi pensado e implementado entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo: o Fórum das Águas do Rio Doce, tendo como objetivo macro articular, mobilizar e divulgar as discussões significativas em prol da bacia hidrográfica do rio Doce.

Em Colatina-ES, o 2º Fórum das Águas do Rio Doce aconteceu entre os dias 29 e 31 de março de 2006, numa mega estrutura montada na Praça Sol Poente. Várias atividades aconteceram simultaneamente: palestras, exposição de trabalhos, mini-cursos, oficinas infantis, apresentações culturais e visita à Feira das Águas.

Em se tratando da participação do setor educacional do município, ressalta-se um envolvimento peculiar e satisfatório das escolas participantes, superando as expectativas dos visitantes e observadores. Cada escola escolheu a temática de trabalho, relacionada ao lema "Eu sou do Doce" e estabeleceu um cronograma de atividades que envolvia levantamento de hipóteses, coleta de informações, seleção de conteúdos, organização das estratégias de trabalho, verificação das hipóteses levantadas, produção de relatórios e montagem do produto final. Um trabalho significativo, pautado em pesquisas científicas (bibliográficas e de campo) realizadas no âmbito escolar e também fora dele, com perspectivas na interdisciplinaridade e na transversalidade dos conteúdos escolares.

A capacitação dos professores, atividade que precedeu ao evento, foi um passo acertado, pois deu oportunidade aos professores de discutirem temas relacionados à gestão dos recursos hídricos, bem como se perceberem parte integrante dessa bacia com responsabilidades inerentes.

O fato de expandir o curso via vídeo-conferência, tendo a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como parceira configurou-se numa idéia de ponta, pois permitiu uma interação com outros dois municípios, Linhares e Santa Teresa.

A partir desse Fórum, torna-se imprescindível a necessidade de discussão permanente sobre educação ambiental relacionada ao desenvolvimento sustentável, com propostas de agenda de trabalho para os anos seguintes. Um debate desse nível não pode acabar em três dias, muito pelo contrário, ele teve início nesses três dias, suscitando continuidade.

Verdadeiramente, o II Fórum das Águas do Rio Doce fez um marco histórico na cidade de Colatina, abrindo espaços para vários segmentos da sociedade a fim de tematizar desenvolvimento sustentável a partir de recursos hídricos, integrando a idéia macro de meio ambiente e possibilitando a continuidade de um trabalho tão necessário e urgente que é a revitalização da bacia hidrográfica do rio Doce. Um trabalho de toda a sociedade, que precisa se engajar nas discussões das questões ambientais.

***Maria Auxiliadora Torezani de Oliveira**
Secretária Municipal de Educação de Colatina/ES



A avenida Delta, no meio da praça Sol Poente foi fechada para o trânsito, transformando-se em Passarela Cultural, onde foram instalados palco, tendas e tablado para atrações culturais de teatro, dança, música e folclore, preparadas pelas secretarias municipais de Educação e Cultura de Colatina e outras cidades da região. As apresentações foram planejadas em torno do lema "Eu Sou do Doce" com abordagens de educação ambiental voltadas para a preservação e conservação da bacia.

A banda Macucos, que é formada por músicos capixabas, encerrou em grande estilo a segunda noite do evento. No repertório uma mistura muito dançante de congo e reggae.



Enchentes, trabalhadores da bacia, a navegação pluvial e as belezas do rio Doce foram temas de exposições fotográficas dos artistas colatinenses Afrânio, Nilo Tardin, Natalino Cussuol e Laerson Sinorelli e do guanduense Nego Ponta. Eles mostraram diferentes olhares sobre a bacia ao público. Já as exposições dos fotógrafos Sebastião Salgado e Alessandro Zuliani foram inspiradas em temas universais que emocionaram os visitantes.





Os setores de pesca, agropecuária, saneamento, cheias e inundações, ensino fundamental e médio, ciência e tecnologia realizaram encontros para elaborar agendas de trabalho para o período 2006/2007. Os encontros foram constituídos por uma mesa redonda e uma reunião técnica. As contribuições resultantes estão sendo encaminhadas para o CBH-Doce, IGAM, IEMA, ANA e os comitês de bacias hidrográficas de rios afluentes ao Doce. Durante o Encontro de Gestores Municipais foi criado o Fórum de Prefeitos da Bacia do Doce.

O Fórum foi também espaço para a realização de reuniões técnicas do Grupo de Trabalho do Projeto Rio Doce Limpo, coordenado pela CIPE Rio Doce; de organismos de bacias, coordenado pela agência de bacia do rio Paraíba do Sul, a AGEVAP; e das Câmaras Técnicas Institucional e Legal e de Capacitação e Informação do CBH-Doce.



Vinte e sete trabalhos foram classificados para a Mostra Científica representando instituições de ensino e pesquisa de várias partes da bacia. Esta segunda edição da Mostra Científica trouxe como novidade a exposição oral dos trabalhos, debatidos em sala de conferência pela comunidade científica, bem como apresentados em linguagem mais simples na Feira das Águas, com o objetivo de popularização dos temas.

Cursos de capacitação, palestras, encontros, mesas redondas, reuniões, mostras e exposições compuseram o cardápio da programação técnica e científica do Fórum das Águas, consolidando o evento como um espaço de debates, apresentação de resultados, atualização e proposição de novas ações em suporte ao fortalecimento da gestão das águas. Várias atividades, à exemplo do Encontro da Rede de Ensino, foram transmitidas a outros municípios pelo sistema de vídeo-conferência ampliando seu alcance tanto na fase preparatória como durante o evento.



Entre os produtos do II Fórum das Águas do Rio Doce cujos resultados só poderão ser medidos em longo prazo destacam-se as ações de capacitação e informação ocorridas no período preparatório e durante os três dias do evento, atingindo mais de mil participantes.



Opinião

Historicamente, vivemos um momento onde se fala muito de preservação, conservação, sustentabilidade. Ainda assim, faltamos conhecimento bastante e até uma certa tática, para lidarmos com as questões ambientais.

A busca por envolver mais e mais pessoas nesse projeto de "salvamento" do nosso planeta, não poderia excluir as escolas e nem os professores, visto que, são formadores de opinião e interagem diretamente com a comunidade através das famílias dos seus alunos.

A capacitação oferecida aos professores dos municípios de Colatina, Linhares e Santa Teresa, desmistificou a idéia de que recursos hídricos, desenvolvimento sustentável ou bacia hidrográfica sejam assuntos só de técnicos. A metodologia utilizada, a forma como foi conduzida a reflexão, encheu a todos de perplexidade, mas também de esperança e de uma vontade de fazer acontecer, mesmo tendo a certeza de que não é fácil.

Rosa Passamani, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Agroecológica - Colatina/ES



Opinião

Luzia Sperandio Costa, gerente de Assuntos Pedagógicos do município de Santa Teresa/ES

O curso de capacitação "Gestão de Recursos Hídricos", ministrado pelos professores Edmilson Costa Teixeira e Cláudio Guerra através do Creaad, nos dias 06, 07, 13 e 14 de março, contribuiu significativamente para a educação do nosso município, beneficiando uma clientela diversificada, constituída por pedagogos, professores da educação básica - pública e privada - e alunos do curso de graduação de Ciências Biológicas da ESFA.

Sabemos que através da educação é que ocorrem as mudanças na sociedade e que o educador é o principal veículo disseminador. A formação propiciou um novo olhar para a questão ambiental, enfatizando a escassez da água potável que se tornará o grande problema da humanidade num futuro não muito distante. Estimulou e conscientizou o educador para que possa proporcionar ao educando essa nova visão.

Participamos também do II Fórum das Águas na cidade de Colatina e reconhecemos a importância desse evento não só para os municípios que fazem parte da bacia hidrográfica do rio Doce, como também para todo o país.

Entre as atividades que marcaram o último dia do Fórum destacam-se a palestra "Espírito Santo 2025", sobre o planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável do estado, e a mesa redonda sobre o tema "Grandes empreendimentos na bacia do rio Doce e a gestão das águas", envolvendo os setores minero-siderúrgico, de celulose, de geração de energia elétrica, órgão gestores de recursos hídricos e a CIPE Rio Doce.



Opinião

Educação ambiental na bacia do Doce

A experiência de Colatina e as perspectivas de continuidade

A experiência de Colatina mostrou que o Fórum das Águas do Rio Doce consolidou-se como um importante espaço regional de interação entre órgãos públicos, empresas e organizações não governamentais dentro de uma perspectiva de troca de experiências e de discussão objetiva e propositiva de problemas e potencialidades da região.

Gostaria de analisar aqui o salto qualitativo que o II Fórum proporcionou na questão da educação para a água na bacia do rio Doce. Na 1ª quinzena do mês de março, foi promovido o curso de capacitação em Gestão de Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional, via vídeo-conferência, para mais de 700 professores e técnicos do ensino fundamental e médio de Colatina, Santa Teresa, Linhares e municípios vizinhos. A estratégia foi preparar as escolas para

Teve início o cadastramento de instituições espírito-santenses e mineiras de ensino e pesquisa interessadas em atuar numa rede em suporte à gestão das águas da bacia hidrográfica do rio Doce, bem como para a elaboração de diagnóstico institucional sobre atuação em temas de interesse para a gestão de recursos hídricos. Esses dois produtos subsidiarão o seminário para a formação da Rede CT Doce (Rede Científico-Tecnológica em Suporte à Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Doce), a ser realizado em setembro deste ano, em Governador Valadares. Entre as instituições já envolvidas no processo de formação da Rede CT Doce estão UFOP, UFMG, UNIVALE, UVF, UFES, CEFET/ES, UNILESTE, UNIFEI, UFLA, UNEC, INCAPER-ES, CETEC-MG, CDTN, Instituto Terra, Escolas Agrotécnicas Federais de Colatina/ES, Santa Teresa/ES e São João Evangelista/MG.

Em reunião realizada em Manhauçu,



MG, no dia 18 de maio, foi dado o pontapé inicial no processo de criação de um consórcio de empresas de saneamento, experiência inédita no país. Os objetivos são ampliar a integração e o intercâmbio de tecnologias e diminuir os custos. "O setor de saneamento está preocupado em criar medidas que visem solucionar os problemas sócio-ambientais da bacia do rio Doce. As discussões realizadas durante o II Fórum das Águas do Rio Doce uniram o grupo e agora estão gerando frutos", diz a coordenadora Tânia Duarte, do SAAE de Raul Soares, MG.

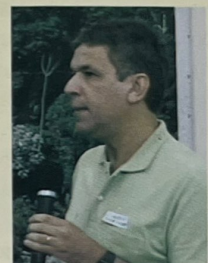
uma participação mais efetiva no evento que seria realizado no final daquele mês. A metodologia do curso enfatizou a questão geográfica, mas principalmente a identidade sócio-cultural da bacia, valorizando o slogan do II Fórum: "Eu sou do Doce".

Quanto aos milhares de estudantes que participaram do evento dois pontos merecem destaque: nos estandes de sua escola eles tinham contato direto com o público e a tarefa de explicar os vários conteúdos. Nas visitas orientadas, a estratégia foi envolvê-los com temas lúdicos, jogos, brincadeiras e uma viagem ao longo de um enorme mapa da bacia colocado numa quadra de esportes. Tais atividades não só valorizaram a criatividade, a imaginação e a interatividade, mas também a informação de caráter regional.

Essa experiência nos mostrou que

ela pode ser replicada noutros municípios, abrindo um leque ainda maior e criando uma boa expectativa de

continuidade na Educação Ambiental na bacia do rio Doce. A mesa redonda "O Ensino Fundamental e a Gestão das Águas" teve como principal proposta de sua Agenda de Trabalho para 2006/2007 a elaboração de um programa de educação ambiental na bacia do rio Doce, que abrangeria todo o seu território, respeitando suas peculiaridades microrregionais. A idéia é interessante, porém um grande desafio que vai exigir o estabelecimento de parcerias, profissionalismo, um bom planejamento e uma perspectiva de continuidade das ações.



Cláudio Guerra*

*Cláudio Bueno Guerra, consultor ambiental



O estande dos anfitriões (Prefeitura de Colatina e Sanear) teve balcão de informações e espaço para exibição de vídeos e apresentações culturais. O IEMA, representando o governo do Espírito Santo, montou um belíssimo espaço. Entre as atrações, um mapa digital da porção capixaba da bacia, uma sala de multimídia, que expôs filmes, vídeos interativos e exposições fotográficas digitais e, ainda, espaço para todos os comitês de bacia do estado participarem com mostra de experiências e projetos. Ao lado do IEMA, a Cesan presenteou as autoridades e visitantes durante a abertura oficial da feira, com músicas entoadas pelo coral de funcionários da instituição. Na área externa montou uma unidade móvel de educação ambiental.

O estado de Minas Gerais foi representado pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam) que disponibilizou oito técnicos para esclarecimentos dos visitantes sobre os instrumentos de gestão das águas. ANA e CBH-Doce montaram estande conjunto. Outros comitês de bacia também foram representados em estandes divididos com parceiros, a exemplo do CBH-Piranga, CBH-Piracicaba e o CBH-Santa Maria do Doce.

A Escelsa chamou a atenção das crianças com um contador de histórias; atividades e jogos educativos foram oferecidos no estande da Samarco. O Creaad/Ufes trouxe uma exposição de 26 trabalhos confeccionados por alunos dos cursos de ensino à distância de Colatina e região. A Rede Gazeta, lançando a TV Gazeta Noroeste destacou a história da TV em seu estande; Ipatinga convidou para o evento de 2007. Outras cidades utilizaram seus espaços para valorizar o município e demonstrar a preocupação com os recursos hídricos, a exemplo de Linhares e Santa Teresa.

O SAAE de Governador Valadares trouxe a réplica de uma ETA (Estação de Tratamento de Água); o SAAE de Itabira destacou seu sistema de informação e automação; Raul Soares demonstrou os projetos de tratamento do esgoto do município; a Funasa, Fundação Nacional

A Feira das Águas foi o ponto de encontro do II Fórum das Águas do Rio Doce. Cinquenta estandes ocupados por empresas e instituições governamentais e não governamentais mostraram principalmente ações e propostas relacionadas aos cuidados com a água ou trabalhos de educação ambiental. Entre técnicos e dirigentes, recepcionistas e animadores, cerca de quatrocentas pessoas foram credenciadas como expositores. Alguns estandes foram intensamente visitados, especialmente pelas crianças, devido à oferta de jogos e brincadeiras interativos.

de Saúde, mostrou seus 50 anos de atuação. A UHA de Aimorés dedicou seu estande ao trabalho de saneamento ambiental das cidades de Itueta, Resplendor e Aimorés.

As instituições de ensino superior valorizaram os trabalhos acadêmicos. O Consórcio de Recuperação do Rio Guandu destacou a despoluição da bacia. O Consórcio Intermunicipal de Resíduos Sólidos do Norte do Estado do Espírito Santo mostrou a destinação final dos resíduos sólidos da saúde de 16 municípios membros; o Consórcio de Meio Ambiente de Caratinga e o CBH-Caratinga apresentaram o Plano de Controle de Cheias da Bacia.

Representando as empresas locais, o Café Meridiano, a Bosi Frut, a Livraria Cordis, a Instituição Marista de Ensino, a Unimed e a Engest Loteamentos também demonstraram sua preocupação com as águas do rio Doce. Representando as ONGs, o Projeto Tamar expôs os seus *souvenirs* voltados para a preservação das tartarugas marinhas. A revista *Trens e Ferrovias* montou uma mini-estrada de ferro, com as composições em movimento.

Estandes institucionais mostraram o trabalho do Banes, Sebrae/ES, CEF e CREA/ES. A AGEVAP trouxe para o evento a experiência da primeira agência de bacia a cobrar pelo uso da água no Brasil. No estande central, a réplica de um rio tinha cachoeira, assoreamento e margens degradadas, mata ciliar com animais, peixes vivos nadando em suas águas e uma maquete de estação de tratamento de efluentes de uma lavanderia de jeans. Estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Colatina construíram a réplica e atuaram como monitores neste estande.



Somadas as etapas de mobilização, montagem e os três dias de realização, mais de duas mil pessoas trabalharam de forma remunerada ou voluntária no evento. Cooperaram no processo faxineiros, carpinteiros, eletricitas, digitadores, professores, estudantes, jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, contabilistas, engenheiros, arquitetos, artistas, gráficos, decoradores, cozinheiros, garçons, recepcionistas, seguranças, comunicólogos, paisagistas, *designers*, costureiros, secretários, monitores, guias, promotores de eventos, *office boys*, estagiários, técnicos agrícolas, turismólogos, paramédicos, policiais, bombeiros, motoristas...

"A organização do evento foi privilegiada pela união entre os coordenadores e colaboradores que conseguiram atingir as metas esperadas, superando as dificuldades com muita eficiência" afirmaram os parceiros da equipe do Sanear em seu relatório de avaliação.



Um desfile de modas parou a Feira das Águas por alguns minutos, chamando a atenção dos visitantes e da imprensa. Jovens modelos mostraram roupas feitas com materiais reciclados como lona, plástico, anéis de alumínio, etc, fazendo do lixo moda de luxo.

Um dragão, inspirado numa brincadeira tradicional chinesa, desfilou entre os estandes da Feira das Águas e pelas ruas de Colatina denunciando a poluição das águas da bacia com bom humor.

Opinião

O II Fórum das Águas do Rio Doce é prova cabal de que esse movimento não só veio para ficar, como se constitui em um ferramental da maior importância para a consolidação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Nesta linha, não há como deixar de fazer uma avaliação clara e precisa sobre o tema, de acordo com dois pontos: 1º) considerar que o CBH-Doce consolide o Fórum como um de seus instrumentos de divulgação e capacitação; 2º) considerar que o poder executivo avalie a possibilidade de apoiar de forma mais significativa a proposta do Fórum, como uma ferramenta a fortalecer as ações dos comitês até de outras bacias hidrográficas.

Quem não esteve em Colatina no final do mês de março, ou para quem apenas participou de uma mesa redonda, ou de uma solenidade, certamente deverá achar que é puro exagero de uma alma entusiasmada. A alma é entusiasmada, mas não há qualquer exagero.

Parabéns, Colatina!

As atividades do Fórum têm duração de um ano. À medida que encerra um, inicia imediatamente o outro. O que eu assisti sobre o programa de capacitação que fizeram, para quase 1000 professoras, não tenho dúvidas, reflete em resultados muito mais poderosos que tudo o que especialistas e consultores vêm tentando fazer em alguns anos, para o bem da bacia hidrográfica do rio Doce. E esta é apenas uma, das várias experiências e vivências realizadas pelo II Fórum do Rio Doce.

Todas as ações deste II Fórum se alicerçam sobre duas mensagens: cuidar do ambiente próximo a você e louvar o SINGREH (seus instrumentos e seus colegiados, especialmente os comitês) como o principal veículo para esse cuidado.

Não conheço nenhum programa de divulgação e capacitação oficial do sistema que tenha tamanha repercussão e tamanho alcance.

O II Fórum das Águas do Rio Doce conseguiu, a um só tempo, tratar o tema

Patricia Boson, consultora

gestão da água da forma como ele deve ser tratado. Ou seja, com razão e sensibilidade. Não faltou, portanto uma forte e embasada discussão técnica e científica para o tema, além do amor, carinho e dedicação daqueles que sentem a importância, querem aprender e se mobilizam para a mais nobre das causas: cuidar da essência da vida, a Água.

Como técnica da área de recursos hídricos, alma mais que entusiasmada com o SINGREH, só posso deixar aqui meu sentimento de gratidão com a equipe que realizou esse Fórum. Saio dele com a alma mais entusiasmada ainda. Entro com gosto, com minha humilde colaboração para a realização do III Fórum, agora em Ipatinga. Tenho a certeza que após ele, os pontos que coloco acima para avaliação, se transformarão em ação consolidada.

Parabéns Colatina, que logo percebeu a grandeza do evento para o qual abriu tão generosamente suas portas.

Cesan investe R\$ 3,1 milhões em educação ambiental

A Companhia Espírito-santense de Saneamento Cesan, aplicou, entre 2003 e 2005, R\$ 3,1 milhões em ações de educação ambiental, como palestras em escolas e outras instituições, exposições, distribuição de material informativo e formação de agentes ambientais, que envolveram quase 160 mil pessoas.

Também fazem parte das ações da companhia campanhas de combate ao desperdício de água e acerca da importância dos sistemas de esgotamento sanitário, além da organização e participação em eventos de educação ambiental, como a Feira do Verde ou as comemorações do Dia Mundial da Água.

Voltado especialmente para o público estudantil é mantido um programa de visitas às Estações de Tratamento de Água e Esgoto, que já levou conhecimentos sobre saneamento para milhares de estudantes.

A política ambiental da empresa tem na preservação dos recursos naturais, em especial, dos recursos hídricos, seu foco principal e envolve também o investimento em projetos de recuperação de nascentes, como no rio Guandu, desenvolvido pelo Consórcio da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu e Instituto Terra, e também no projeto Águas Claras, voltado para o rio São José.

Rio Doce Limpo

Presente em 13 municípios da bacia hidrográfica do rio Doce, a Cesan participa do esforço de despoluição do rio e do fortalecimento do processo de desenvolvimento sustentável da região. Entre as iniciativas da empresa está a melhoria e ampliação dos sistemas de água e de coleta e tratamento de esgoto. "O objetivo da companhia é contribuir para o fortalecimento do processo participativo de gestão das águas da bacia hidrográfica do rio Doce e favorecer o desenvolvimento sustentável em sua região de influência", afirma o diretor-presidente da companhia, Paulo Ruy Carnelli.

A Cesan participou das duas edições do Fórum Águas do Rio Doce, em Governador Valadares e Colatina, e da elaboração do plano "Rio Doce Limpo", publicado no ano passado, em parceria com a CIPE-Rio Doce. Representaram a Cesan na formulação do documento a gerente de Meio Ambiente da companhia, Terezinha Vanzo e Joel Henrique da Silva, do Programa Pró-rural.



Água x Desenvolvimento

Descendente de italianos como boa parte de seus conterrâneos, o engenheiro e professor universitário João Guerino Balestrassi é presidente da Associação dos Municípios do Espírito Santo (AMUNES) e está em seu segundo mandato como prefeito de Colatina. Em março de 2005 assumiu a presidência do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e recentemente foi empossado como diretor para a Região Sudeste da Confederação Nacional de Prefeitos, despontando como uma das importantes lideranças do estado do Espírito Santo e da bacia do rio Doce em particular.

Nesta entrevista comenta as repercussões do II Fórum das Águas do Rio Doce e insiste na importância da participação dos prefeitos nas instâncias colegiadas do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, em especial nos comitês de bacias.



O que o Senhor achou do Fórum das Águas do Rio Doce realizado em Colatina?

Primeiro, nós temos que destacar o planejamento, a organização que foi pensada com um ano de antecedência tendo sua conclusão nos dias de realização do Fórum. Quando as coisas são bem planejadas, a gente consegue êxito. Depois, temos que destacar os avanços em termos de mobilização. Nós tivemos todo um trabalho envolvendo as escolas e os educadores. Esse trabalho refletiu junto aos alunos, as crianças. Isso foi fundamental para a mobilização particularmente em toda nossa região.

Atingimos o Brasil todo através da mídia, com a celebração da Missa das Águas que fortaleceu a imagem do Comitê da Bacia do Doce nacionalmente. Devemos destacar ainda a programação técnico-científica ocorrida no Fórum das Águas, com palestras, debates, mesas redondas, reuniões de Câmaras Técnicas, grupos de trabalho e a própria reunião do Comitê do Doce. Conseguimos colocar dentro do Fórum as experiências da academia e as práticas diárias. Esses foram pontos importantíssimos para fortalecermos institucionalmente os comitês. É por isso que o Fórum é fundamental neste momento para a bacia.

Passado o evento, o que ficou para a sociedade como marca do Fórum das Águas do Rio Doce?

Este evento e seu conteúdo programático estão na cabeça principalmente das crianças. Ficarão na memória delas. E esse conteúdo fará parte do processo de capacitação dos professores. Vamos ter continuidade. Haverá continuidade nos próximos Fóruns e também uma orientação para as crianças e jovens, formando novos conteúdos para o fortalecimento dos comitês e da gestão das águas. A base foi plantada e vai crescendo à medida em que mais e mais a sociedade participa e se envolve nos assuntos relacionados



Reunião do CBH-Doce

aos recursos hídricos.

O senhor está completando um ano de mandato à frente do CBH-Doce. Assumir a presidência ampliou sua visão de bacia?

Eu tenho acompanhado o comitê desde a sua criação, ou desde as mobilizações para a sua criação. No mandato anterior fui vice-presidente. Atualmente, na presidência tive acesso a um melhor conhecimento sobre a bacia, pois ela é muito extensa e complexa.

Os conceitos de gestão dos recursos hídricos e de desenvolvimento sustentável são novos. Nós precisamos nos aprofundar, mas, avançamos na capacidade de articulação com os governos mineiro e capixaba, IEMA, IGAM, com as prefeituras, com a Agência Nacional de Águas, enfim, com todo o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Esse entrosamento vem trazendo informações para o CBH-Doce, ajudando a pensar a bacia e aumentando a capacidade de envolvimento e interlocução com os comitês dos rios afluentes.

Houve outros avanços nestes quatro anos de existência?

Fortalecemos o trabalho das Câmaras Técnicas (CTs), onde acontecem efetivamente os debates que vão dar o aprofundamento e os subsídios para que o colegiado possa fazer suas deliberações durante as reuniões do comitê. Algumas CTs têm uma atuação mais interna, a exemplo da CTIL (Câmara Técnica Institucional e Legal). Outras repercutem fortemente junto à sociedade, como a CTGC (Câmara Técnica de Gestão de Cheias), que apóia inclusive os comitês estaduais,

os municípios e as instituições de defesa civil. Aprovamos um Plano de Controle de Cheias, um Plano de Capacitação, demos início ao processo de elaboração do Plano de Bacia e apresentaremos, ainda este ano um Plano de Comunicação para aprovação do colegiado.

E qual é o grande desafio?

O desafio é o trabalho de manutenção permanente da mobilização e integração das instituições em torno dos comitês. Precisamos envolver as prefeituras, contaminar positivamente os prefeitos, mostrar-lhes a necessidade de atuarem conjuntamente, de darem importância a este tema, de colocarem as estruturas do município em apoio à gestão das águas. Não se trata de recursos financeiros, mas principalmente do poder de articulação. Muitos prefeitos ainda tratam os comitês como se fossem ONGs. Não enxergam a sua relevância no processo de captação de recursos para resolver a grande problemática do saneamento básico em seu município e a importância da água na definição dos rumos do crescimento das regiões. Esse, talvez seja o grande paradigma que temos que romper.

Vem aí o Plano de Recursos Hídricos da Bacia (PRH-Doce). Ele

“ Precisamos contaminar positivamente os prefeitos, mostrar-lhes a necessidade de atuarem conjuntamente, de colocarem as estruturas do município em apoio à gestão das águas. ”

vai determinar os horizontes do desenvolvimento regional. Os prefeitos da bacia têm que acompanhar esse processo?

O acompanhamento vai além de estar junto. O prefeito tem que saber que o grande gargalo do desenvolvimento chama-se água. Esse gargalo, principalmente no Espírito Santo, é impactante para a geração de emprego e renda e introdução de novos arranjos produtivos. O prefeito sabe a importância de segurar a sua população economicamente ativa dentro do município. Daí a necessidade de um tratamento especial para os recursos hídricos.

Quais são os caminhos para estimular essa participação? O senhor vê novas perspectivas?

Os prefeitos, hoje, têm uma agenda muito extensa. A Lei de Responsabilidade Fiscal fez com que os prefeitos focassem muito na gestão. O tempo dos administradores é gasto na busca da qualidade, modernização administrativa e resultados contábeis. Não há dúvida que esse aspecto é fundamental. Mas, é fundamental também responder à sociedade nas suas novas demandas, envolvê-la na discussão dos grandes temas. Esse é um aspecto que os prefeitos têm dificuldade. Falta tempo. Mas é preciso que se gaste um pouco mais de energia nesta área.

O Fórum dos Prefeitos da Bacia do Doce, criado recentemente durante o II Fórum das Águas é uma boa ferramenta, assim como todas as associações de municípios, de prefeitos, vice-prefeitos, vereadores e outras.

O processo de elaboração do PRH-Doce, com atividades previstas em todas as regiões da bacia pode ser um momento propício para ampliar esta participação?

Com certeza. A discussão sobre o Plano da Bacia deverá despertar os

municípios para a importância dos seus recursos hídricos e ajudar a subsidiar os planos diretores municipais e os planos das bacias dos rios afluentes.

Trabalhando com as lideranças fica mais fácil chegar à população. Os debates regionais com a participação de lideranças atraem a mídia ampliando a divulgação do tema em discussão. A informação chega à sociedade não de forma panfletária, mas sim mostrando um plano de ação para toda a bacia.

Que mensagem o senhor deixa para as lideranças da bacia?

Dois aspectos devem ser levados em consideração quando pensamos no tema água. O primeiro, quantitativo, que diz respeito à captação de recursos para recuperar a bacia, fazer tratamento de esgoto, saneamento básico, etc; o segundo, qualitativo, que é o papel de conscientizar, envolver a sociedade, promover o engajamento da população no processo.

Os comitês podem estimular e apoiar a criação de estruturas para o trabalho em conjunto. Os consórcios podem resolver os problemas de resíduos sólidos, de saúde, de capacitação e até mesmo de desenvolvimento, criando arranjos produtivos regionais.

Na sua opinião a bacia caminha efetivamente para a integração?

A marca da bacia é de muita harmonia. Talvez pela irmandade que une mineiros e capixabas tradicionalmente. Os comitês são espaços de muita diversidade, onde convivem empreendedores, ambientalistas e representantes do poder público. Essa diversidade poderia levar à instabilidade. No entanto, o que se percebe é um ambiente de unidade, um ambiente muito fraterno. Temos certeza de que o Doce vai conquistar a tão sonhada integração e acreditamos no papel fundamental que o Fórum das Águas do Rio Doce terá em todo este processo, apoiando os comitês e as instituições parceiras.

“
O prefeito tem que saber que o grande gargalo do desenvolvimento chama-se água.
”



O LOBO MAU



Em defesa da vida

*“O lobo Guará é manso
Foge diante de qualquer ameaça
É solitário
Avesso ao dia, tímido
Dócil, sem astúcia,
É facilmente capturado e morto
Por traficantes de pele
Quando então uiva”*

Trechos do poema EXTINÇÃO
de Régis Boonvicino



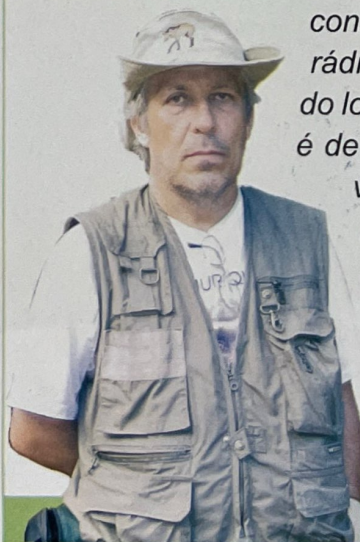
O projeto “O Lobo não é Mau” teve início há cerca de 6 anos, na cidade de Manhuaçu e vem se fortalecendo através do estabelecimento de parcerias entre instituições de pesquisa, ambientalistas, proprietários rurais e com o apoio da sociedade.

A descoberta de fezes de animais desconhecidos e pêlos grudados em cercas, na cidade de Matipó despertou a curiosidade da AMA-Associação dos Amigos do Meio Ambiente e do ambientalista Eduardo Bazém. Na ocasião, o grupo entrou em contato com o CETAS Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV-Universidade Federal de Viçosa pedindo apoio para a realização dos trabalhos técnico-científicos para descobrir de que animal eram aqueles materiais e quais as providências a serem tomadas, a partir de sua identificação. As investigações apontaram para o lobo guará, uma espécie considerada em extinção.

A comprovação veio logo a seguir, quando, também em Matipó, foi encontrada uma ninhada com três filhotes de lobo guará. De lá para cá, os animais já foram avistados nos distritos de Santo Amaro de Minas, Vilanova, Realeza e São Pedro do Avaí, no município de Manhuaçu.

Surgiram então as perguntas: como uma espécie típica do cerrado apareceu numa área de remanescentes de mata atlântica em que nunca habitou no passado? Por que eles estão migrando para outro bioma? Será que estão havendo mudanças em seus habitats? Ou ainda, será que algum tipo de intervenção do homem pode estar atraindo o lobo para a região?

A UFV vem apoiando, com a realização de pesquisas, e ajudou na laboração do Projeto “O Lobo não é Mau”. A principal ação do projeto, como o próprio nome diz, é a de conscientização para a preservação. A AMA iniciou uma campanha em rádios, jornais e na TV local. Camisetas e cartazes mostrando a imagem do lobo guará se espalharam por Manhuaçu e região. “Nossa esperança é de ampliar ainda mais as parcerias, agregando um número maior de voluntários e instituições à campanha de preservação do lobo guará. As respostas aos por quês, deixaremos para os especialistas”, diz o ambientalista Eduardo Bazém.



“Este projeto simboliza a luta em defesa da vida selvagem”

Eduardo Bazém

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL É NISSO QUE A VALE ACREDITA.

A Companhia Vale do Rio Doce é referência em gestão ambiental no Brasil e no exterior. Todas as unidades operacionais da empresa atuam dentro dos padrões internacionais de qualidade ambiental. Quando investe no meio ambiente, a Vale faz mais do que simplesmente preservar a natureza. Ela desenvolve e aplica as melhores tecnologias para a recuperação de áreas mineradas. Todos os anos, 7,5 milhões de mudas são produzidas para recuperação ambiental. Há mais de 20 anos, a empresa protege cerca de 1,2 milhão de hectares de florestas tropicais e de Mata Atlântica. A gestão ambiental é uma questão estratégica para a Companhia Vale do Rio Doce. Além de garantir um mundo melhor, é fundamental para a competitividade e a posição de destaque da empresa no mercado global.





ARLINDO VILLASCHI

Perspectivas ampliadas para a bacia

Eu sou
do Doce

Arlindo Villaschi Filho representa a bacia do Doce e o Brasil, como diretor executivo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Próximo de completar 60 anos, Arlindo Villaschi tem uma vasta experiência acadêmica e profissional na área da economia. Graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especializado em Desenvolvimento Econômico pela CEPAL/ILPES, mestre em Economia pela University of Califórnia e doutor pela Birkbeck College, University of London, publicou três livros na área e escreveu para outras sete publicações.

Foi técnico do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes), diretor da Fundação Jones do Santos Neves, secretário de estado do Planejamento, consultor de governo de outros estados e municípios não-capixabas e consultor de empresas de grande porte. "Minha vida profissional propiciou-me fantásticas aventuras tanto em atividades junto a organismos públicos como provados." No campo acadêmico, é professor do Departamento de Economia da UFES e dedica-se a estudos e pesquisas em sua área de concentração, economia da inovação.

Apesar de ter feito mestrado e doutorado no exterior e de ter passado tempos como pesquisador convidado na Finlândia e Índia, Arlindo Villaschi afirma que foi no Espírito Santo que ancorou praticamente toda sua formação escolar, acadêmica e profissional, e onde construiu raízes de afeto.

"Aos oito anos fui para Vitória, mas minhas ligações com 'o norte' e suas águas permaneceram através de visitas regulares à minha família. Nasci em São Gabriel da Palha, por onde o rio São José rola e a cachoeira da Onça se enrola, mas fui com pouco mais de dois anos para Colatina, na época em que o rio Doce ainda permitia a navegação do 'vaporzinho do Sr. Epichin'.", relembra Villaschi.

Em seu trabalho no BID, diz estar ampliando sua perspectiva com relação à questão da sustentabilidade. "É crescente a preocupação com a questão das águas, seja por elas mesmas ou por suas irmãs gêmeas, as florestas. Nisso tudo, temos procurado sempre ter em mente um ingrediente fundamental de toda a questão ambiental, qual seja a valorização do bem-estar humano no tempo e no espaço.", explica.

Com relação à recuperação e valorização do rio Doce, Villaschi acha que todos podem aprender com os movimentos que vêm sendo feitos por diversos atores sociais, políticos e econômicos. "Algumas experiências, direta ou indiretamente ligadas ao BID, podem servir para a caminhada de todos que querem restaurar a majestade do nosso doce rio Doce", conclui o economista.



Fotos de arquivo Arlindo Villaschi

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) foi fundado em 1959. O Brasil é membro da instituição desde sua criação e um dos maiores tomadores de recursos do banco.

Segundo Villaschi, o BID é a principal fonte de financiamento multilateral para o desenvolvimento econômico, social e institucional da América Latina. "Nossa prioridade é a redução da pobreza, equidade social e crescimento econômico sustentável", completa.

BOM EXEMPLO

Produção mais limpa

Reduzindo desperdícios, aumentando a eficiência

Fotos / Arquivo Barbosa e Marques S.A.



Reuniões de conscientização na empresa: mudanças de paradigmas



Um programa implantado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) através das suas Regionais Rio Doce e Vale do Aço vem trazendo uma série de benefícios a empresas instaladas na bacia, reduzindo desperdícios, aumentando a eficiência e economizando os recursos naturais. Trata-se do Produção Mais Limpa, ou P+L, como é conhecido internamente. A metodologia foi desenvolvida e apoiada pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO) e implantada no estado a partir de 2000 pelo Núcleo de Produção Mais Limpa da FIEMG.

Várias empresas de diferentes ramos foram beneficiadas na região. Uma delas foi o laticínio Barbosa e Marques S.A, de

Governador Valadares, que há dois anos incorporou os procedimentos como rotina. A representante da empresa, Raquel Santana, afirma que um dos principais resultados obtidos pelo programa foi a redução das perdas no processo industrial. “Tinha material que ia para o lixo comum, todo misturado, e agora tem destino certo, é reciclado. Com isso houve uma grande redução nos resíduos gerados, o que além de beneficiar o meio ambiente, beneficia também a empresa”, afirmou Raquel.

O princípio que fundamenta o P+L “é o que fazer para não gerar resíduos?”, uma nova abordagem à antiga questão que até pouco tempo norteava as pesquisas das indústrias: “O que fazer com os resíduos?”. Sob a nova ótica, o

resíduo, que antes era visto apenas como um problema a ser resolvido, passou a ser encarado também como uma oportunidade de melhoria.

Para a empresa, a minimização de resíduos não é somente uma meta ambiental, mas, principalmente, um programa orientado para aumentar o grau de utilização dos materiais, com vantagens técnicas e econômicas. “Devido a uma intensa avaliação do processo de produção, a minimização de resíduos e emissões geralmente induz a um processo de inovação dentro da empresa.”, explica o gerente da FIEMG Regional Rio Doce, Marco Antônio Astolfi.

Assim, para que as empresas possam aderir ao programa Produção Mais Limpa (P+L) e dar continuidade aos trabalhos, a FIEMG orienta e mostra os caminhos, dando assistência técnica. A gerência de meio ambiente visita as empresas, faz um trabalho de conscientização com os empresários, levanta dados, prepara os funcionários (fotos) e executa o programa, que trata da identificação, quantificação, tratamento e disposição final de resíduos. São oferecidas aos setores produtivos alternativas viáveis para a identificação de técnicas que permitem a redução de resíduos sólidos, efluentes líquidos e emissões atmosféricas, eficiência no uso de energia e racionalização no emprego da água. Segundo o gerente da Regional Vale do Aço da FIEMG, Plínio Verçosa Perruci, naquela área o programa será introduzido mais fortemente a partir do segundo semestre de 2006.

“A geração de resíduos em um processo produtivo muitas vezes está diretamente relacionada a problemas de saúde ocupacional e de segurança dos trabalhadores. Desenvolver a Produção Mais Limpa minimiza estes riscos, na medida em que são identificadas matérias-primas e auxiliares menos tóxicas, contribuindo para a melhor qualidade do ambiente de trabalho.”, conclui Astolfi.

Foto: arquivo Consórcio



O desafio da destinação correta do lixo urbano e em especial dos resíduos da área de saúde também está sendo encarado com muita seriedade e competência na região do baixo rio Doce através do Consórcio Intermunicipal de Resíduos Sólidos do Norte do Espírito Santo. A entidade, sem fins lucrativos, tem o objetivo de gerenciar os resíduos sólidos de forma sustentável na região. O consórcio abriga 16 municípios e outros nove já apresentaram proposta de adesão ao grupo. Mais de 600 mil habitantes são beneficiados pelo consórcio que gera ainda economia de custos para os municípios participantes.

A iniciativa surgiu em 1997 após a

constatação de que a situação dos resíduos sólidos e dos RSS - Resíduos dos Serviços de Saúde - já se encontrava insustentável, na maioria dos municípios. Eles lançavam seus resíduos de forma inadequada no meio ambiente, causando danos, principalmente à saúde pública. Por outro lado, Colatina possuía o único incinerador do norte do estado em boas condições de uso e licenciado pela SEAMA - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, ocioso em boa parte do tempo.

Formado o consórcio, foram definidas as atribuições de cada município e estabelecida como prioridade a destinação dos resíduos de saúde. Os

municípios têm a responsabilidade de cadastrar os geradores de RSS, definindo suas rotas de coleta; adquirir ou adaptar veículo para realizar a coleta interna do RSS em separado; aprovar leis municipais que visem a cobrança da taxa do serviço especial de coleta e tratamento de RSS; e pagar uma contribuição mensal para manter as atividades do consórcio em funcionamento.

À secretaria executiva do consórcio, cabe treinar e capacitar os técnicos dos municípios consorciados; dimensionar e montar as rotas de coleta de RSS entre os municípios consorciados; operacionalizar o veículo de coleta intermunicipal e o incinerador; e gerenciar os recursos financeiros.

Assim, os municípios realizam a coleta mantendo o material em câmara frigorífica até que seja recolhido pelo veículo do consórcio, e levado para o incinerador, em Colatina. Com o apoio da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEAMA), da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e de outros parceiros, a coleta dos resíduos sólidos gerados pelos consorciados é feita uma a duas vezes por semana através de rotas predefinidas. A disposição final dos resíduos já tratados no incinerador é feita no aterro sanitário da BR 259, no Córrego Estrela, em Colatina. A equipe técnica do SANEAR é unânime em afirmar que para o bom funcionamento do processo é preciso o envolvimento, apoio e garantia de recursos financeiros por parte dos prefeitos; a motivação e capacitação de profissionais da área de saúde e responsáveis pelos serviços de limpeza; planejamento e controle de custos envolvidos; apoio da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos; e o permanente monitoramento das atividades. Mas, segundo o secretário executivo do consórcio, Cleuber Melotti, é preciso, sobretudo, "o apoio e confiança da comunidade".



A reciclagem, além de minimizar os efeitos da poluição no planeta, melhora a qualidade de vida, gera empregos e renda e valoriza as empresas e administrações públicas ambientalmente corretas. Por outro lado, 78% dos municípios capixabas ainda dispõem os resíduos sólidos, inclusive os materiais recicláveis, em lixões, contaminando solo e cursos de água, além de, muitas vezes, trazerem doenças para os que manuseiam de forma incorreta. Pensando nisso, o IEMA Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, em parceria com o Sebrae-ES e o Instituto Idéias estão estruturando o Programa Capixaba de Materiais Reaproveitáveis.

O programa está voltado para a construção de políticas públicas que irão nortear as ações relacionadas ao tema no Espírito Santo e à promoção de mercado,

por meio do Projeto de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva de Materiais Reaproveitáveis do Espírito Santo. Por meio do programa, tem sido realizado um diagnóstico com relação aos resíduos no Espírito Santo. “Esses dados são de suma importância para o Estado, que poderá aproveitar um filão do mercado, transformando resíduos em matéria-prima”, avalia o técnico responsável pelo programa no IEMA, Lincoln Chagas.

O programa pretende ampliar, a cada ano, em 5% o reaproveitamento dos resíduos minerais e industriais, além de aumentar em 50% o número de catadores organizados em cooperativas ou associações e melhorar as condições de trabalho de quem está inserido nessa cadeia produtiva. Outra meta é possibilitar o acesso a novos mercados, assim como ao crédito e gestão de capital,

entre outras ações.

A proposta de gestão do programa de forma integrada e participativa já começa a acontecer na prática. Para fomentar a criação do Comitê Gestor de Resíduos foram constituídos oito sub-comitês aglutinando os segmentos produtivos que geram, beneficiam, manuseiam e exercem a gestão dos resíduos sólidos, nos setores de resíduos urbanos, atividades industriais, construção civil, mineração, saneamento, agronegócio, saúde, produtos tecnológicos e pneus. Estão sendo realizadas oficinas de trabalho com os participantes para identificar os problemas existentes relacionados a cada atividade e apontar soluções para minimizá-los. O Comitê Gestor terá 42 membros, entre representantes de instituições públicas e privadas, empresas, indústrias, ONGs e sociedade civil.

Como estratégia para sensibilizar e mobilizar a sociedade para a questão de resíduos sólidos estão sendo efetivadas três grandes ações. Uma dessas é o Seminário Nacional e *Workshop* que acontece de 12 a 14 de julho em Vitória e deverá promover o debate técnico e científico sobre as alternativas de utilização, gestão, manuseio e regulamentação dos resíduos sólidos integrantes de diversos setores produtivos. Outra ação diz respeito à Feira de Tecnologias Limpas que acontece em outubro e objetiva a promoção de uma exposição e uma feira de negócios.

A terceira é a criação da Rede Estadual de Resíduos Sólidos do Espírito Santo que vai possibilitar a articulação entre as instituições públicas e a sociedade civil para o desenvolvimento de conhecimento técnico e científico, a promoção de tecnologias, a multiplicação de iniciativas e o compartilhamento de informações.

Dessa maneira o Espírito Santo dá o Bom Exemplo enfrentando esse que é um dos grandes desafios atuais das cidades, independente do seu porte.



O Grupo Seriema destaca-se como Bom Exemplo na bacia hidrográfica do rio Doce pelo trabalho que desenvolve nas comunidades rurais do município de Laranja da Terra, no Espírito Santo. Por iniciativa da moradora Márcia Palácios iniciou-se uma parceria com o Sebrae/ES, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Laranja da Terra e INCAPER, criando o grupo com o objetivo de resgatar e valorizar a cultura e o trabalho rurais.

Para ser bom exemplo de cuidados com a natureza é preciso pôr a mão na massa. E assim é o Grupo Seriema. O trabalho começou com a coleta seletiva do lixo, ampliou sua ação para a produção de composto orgânico e hoje cerca de 20 famílias produzem quiabo, tomatinho cereja, aipim, jiló e berinjela utilizando o

adubo resultante da compostagem.

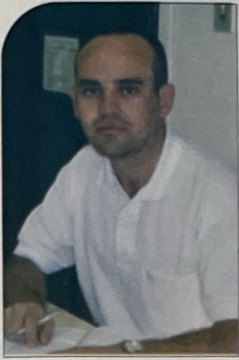
O grupo leva o nome de uma ave comum na região. “Escolhemos esse nome porque a Seriema é conhecida aqui na roça por fazer a limpeza dos pastos, comendo as cobras. E nós começamos fazendo a limpeza das propriedades, com a coleta seletiva”, explica Márcia Palácios, coordenadora do projeto.

Vinte e quatro jovens promovem o resgate da dança tradicional pomerana no município. Buscando patrocínio junto a parceiros locais já adquiriram figurino e estão fazendo apresentações em festas e eventos regionais (foto). A produção de colheres de pau, esculturas, bijuterias e caixas ornamentais envolve 11 artesãos que utilizam barro, bambu, sementes e materiais reciclados como matéria-prima

de seus trabalhos (foto). Um outro grupo com 40 bordadeiras revive a tradição portuguesa fazendo broalha, um bordado típico de grande beleza.

Para o grupo, o trabalho artesanal vai além do resgate e preservação da cultura. “O movimento com as mãos e com o corpo, proporcionado pelo trabalho artesanal, bordados e danças, melhora o equilíbrio emocional e liberta de traumas e angústias, além de só fazerem bem ao meio ambiente”, conclui a coordenadora.





Gandy Camargo*

Vilã ou fonte de sabedoria e vida?

Água, substância universal. Mágica do ponto de vista filosófico e prática do ponto de vista humano. Formada por dois elementos químicos, o hidrogênio (H) e oxigênio (O), através de um fenômeno natural que o homem apenas codificou (H_2O) através da ciência.

Ora fonte de inspiração para os poetas, ora apenas um produto de uso diário; ora fonte de estudos e pesquisas primeira substância a ser procurada na exploração de novos planetas à procura de evidências de formas de vida; ora tema de discussões acaloradas sobre sua posse; ora desejada devido ao longo período de estiagem, ora amaldiçoada pela abundância; mas, sempre utilizada como se fosse um objeto criado pelo homem para fazer dela o que bem entender e depois dispensada como resto de um produto imprestável.

Ao contrário do que alguns acreditam, o homem vive em função da água e não ela em função do homem. Portanto a verdade é que não somente necessitamos dela para sobreviver, mas necessitamos também de "aprender com a água". A começar pela sua formação, como numa equipe, onde dois elementos iguais se juntam com um elemento diferente, de braços dados e usando de suas forças lutam para permanecerem unidos a fim de criar uma sinergia essencial à vida. A água não se engrandece com seu poder.

Já os homens lutam num egoísmo (capitalista, político, étnico ou filosófico) inconseqüente de dominação, provocando o afastamento entre os povos. A água recebe em seu seio, substâncias ou todas as formas de vida que dela necessitam, formando uma comunidade onde

cada um contribui com o que tem, sem que seja julgado ou cobrado maior desempenho. Enquanto o homem, a cada dia, se torna mais intolerante, qualifica e segrega seu semelhante dentro dos parâmetros impostos por um sistema que se diz liberto, mas que não é igual, gerando intolerâncias e inseguranças, tudo em nome do "poder".

Desmatamos, lançamos substâncias no ar, alteramos o ciclo da vida, da água, e quando as enchentes destroem, dizemos espantados: "Este é o poder da água", indenizando nossas ações, e responsabilizando a mãe natureza.

Como podemos despertar do sono pela manhã lavando o rosto com a água, sem ao menos agradecer a sua presença? Preferimos julgá-la e condená-la como uma vilã, que criminosamente mata, trai, destrói, julgando-a responsável por catástrofes, e por carregar em seu leito, substâncias e microorganismos perigosos à saúde, esquecendo de que nós é que, historicamente, formamos nossas comunidades (cidades, indústrias, comércios) em suas margens.

Como podemos ser tão ingratos e indiferentes com o que produz, gera riquezas e salva vidas? Com o que utilizamos para imprescindíveis tarefas como lavar, cozinhar, tomar banho, irrigar, produzir manufaturados e energia elétrica, e principalmente bebermos? Quando iremos aprender que colhemos o que plantamos? Quando iremos aprender a respeitar a nossa casa? Quando iremos aprender a respeitar a mãe natureza?

Se não conseguimos respeitar a nós mesmos, como respeitaremos a água?

*Gandy Ney de Camargo é técnico em Saneamento do DMAES - Ponte Nova/MG



A HORA E A VE

Fotos: Nego Ponta

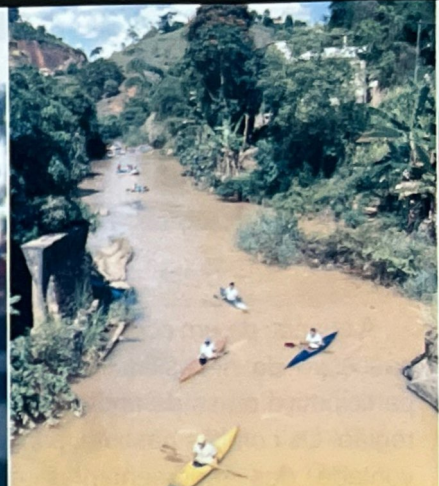
No dia 30 de maio de 2006 foi protocolado no Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo o ofício solicitando ao Conselho Estadual de Recursos Hídricos a criação do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu. O ato representa o coroamento do esforço de anos de mobilização da bacia sintetizado nos cinco dias da Descida Ecológica do Rio Guandu, realizada entre 25 e 29 de abril.

“Parece que estou sonhando!”, expressa com freqüência uma das principais articuladoras do processo de construção do CBH-Guandu, Gilse Olinda Barbieri. Mas, não é sonho e sim, a concretização de um trabalho de equipe, resultado de um esforço coletivo e da busca organizada de um ideal de todos. Além da mobilização para a formação do comitê, a Descida Ecológica gerou ainda ações de proteção de nascentes, educação ambiental, coletas e análise de água de diversos pontos da bacia e uma Carta de Recomendação entregue ao IEMA.

Um artigo do gerente de Recursos Hídricos, Fábio Anheret (nascido e criado em Afonso Cláudio, na bacia do Guandu), e belas imagens do fotógrafo guanduense Nego Ponta mostram nestas e nas próximas páginas um pouco do que foi esse movimento vitorioso da bacia do rio Guandu.



Z DO RIO GUANDU



Nas águas do Guandu

Enquanto uma caravana, que, às vezes, chegava a mais de vinte automóveis, camionetes, vans e motocicletas, fazia a descida por terra, doze embarcações, entre caiaques e botes infláveis, encararam as águas do rio Guandu. A equipe da Associação Barrense de Canoagem dividiu a aventura com o Corpo de Bombeiros e, em alguns trechos, com representantes da coordenação e do Consórcio do Rio Guandu.

A cada ponte, nas áreas urbanas das cidades, a passagem das embarcações chamava a atenção da população para a importância da recuperação das águas da bacia.

Qualidade da Água

Ao longo dos cursos de água visitados foram feitas coletas de material para análise. Além de técnicos e veículos, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) compareceu com sua Unidade Móvel para Controle da Qualidade da Água. O material coletado era analisado no mesmo dia, possibilitando menor margem de erro. Os resultados irão incorporar o banco de dados da Funasa e do Consórcio Guandu. Novas análises serão realizadas até o fim do ano, para acompanhar o rio em diferentes fases.



Fábio Anerth*

Rio Guandu

Unindo pessoas rumo ao comitê

A criação de um comitê de bacia hidrográfica não nasce só da necessidade de gerenciar de forma participativa o uso da água e o desenvolvimento da região. Os comitês nascem, principalmente, de uma vontade dos representantes da sociedade civil organizada, de usuários de água e de instituições públicas e privadas de fazerem valer as suas posições. Em cada região observam-se diversas ações que contribuem para iniciar o processo de instalação de um comitê.

Na bacia do rio Guandu a descida ecológica ocorrida em abril deste ano fez explodir o sentimento de união em prol da gestão das águas nos moldes da Política Nacional de Recursos Hídricos. O rio Guandu é um importante afluente do rio Doce no Espírito Santo; sua bacia integra os municípios de Brejetuba, Afonso Cláudio, Laranja da Terra e Baixo Guandu, com área de aproximadamente 267.400 hectares e abrigando uma população em torno de 83.000 pessoas. Trata-se de uma região essencialmente agrícola, com predomínio da agricultura familiar, e tem como atividades principais a produção de café, pecuária e fruticultura. Essas atividades, essenciais para a economia da região, quando não planejadas, ocasionam o aparecimento de vários problemas relacionados ao mau uso do solo, causando focos erosivos e assoreamento dos rios, fato que foi comprovado pelas equipes que percorreram a bacia. No entanto, é possível encontrar alguns trechos bem preservados e de grande beleza natural.

A descida ecológica foi coordenada pelo Consórcio do Rio Guandu e pelo IEMA e contou com uma bonita parceria entre diversas instituições, dentre elas: Funasa, Cesan, Escelsa, Instituto Terra, Cipe-Rio Doce, IDAF, INCAPER, Projeto Águas do Rio Doce, Corpo de Bombeiros e os municípios de

Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Brejetuba, Baixo Guandu e diversas escolas dos quatro municípios. A ação ainda envolveu trabalhos de educação ambiental realizados por cerca de 60 técnicos das quatro prefeituras, IEMA, CESAN, Instituto Terra, IDAF e INCAPER, divididos em 3 equipes que visitaram, ao todo, 25 escolas das comunidades, prestando esclarecimentos para a população e realizando palestras sobre temas como conservação da água e do solo e formação de comitês.

Mas essas não foram as únicas atividades. Houve também cavalgada, canoagem, coleta e análise de água feita pela Funasa e pelo IEMA, intercâmbios culturais e mobilização para a educação ambiental feita pelos escoteiros de Afonso Cláudio nas comunidades ribeirinhas, plantio de mudas de árvores para o início da recuperação em 15 nascentes anteriormente selecionadas em um trabalho que definiu e cadastrou 50 áreas de nascentes degradadas. Estas áreas serão agora recuperadas através de um convênio entre o Instituto Terra e o Consórcio do Rio Guandu, junto a outros parceiros.

E como não poderia faltar, à noite realizou-se em cada município a Festa de Gestão das Águas, em que houve intercâmbio de grupos culturais de outros municípios, teatro, mostra de vídeos. O evento, repleto de autoridades, culminou com a assinatura do requerimento de criação do comitê. Ao todo contamos com o envolvimento direto de aproximadamente 200 agentes, que mobilizaram e articularam mais de 40.000 pessoas.

Portanto, se a união faz a força, o Comitê do Rio Guandu já começa forte em seu processo de criação, o que deve ser motivo de alegria para o rio Doce porque é mais um de seus afluentes que vem para somar.

*Fábio Anherth é mestre em Engenharia Ambiental pela UFES, representante titular do Espírito Santo no CNRH e gerente de Recursos Hídricos do IEMA



Aprendendo e ensinando

É difícil imaginar o quanto a Descida Ecológica do Rio Guandu vai gerar de frutos por onde passou. Mas, certamente, o trabalho das equipes de educação ambiental lançou muito boas sementes, regou e adubou boas plantas por onde passou.

Milhares de crianças e jovens ouviram as palestras sobre gestão das águas, comitês de bacias, preservação e recuperação. Participaram de jogos e brincadeiras interativas. Receberam cartilhas, folders e camisetas. E, principalmente, se divertiram com o teatrinho de bonecos comandado pelos 20 alunos do Curso Avançado de Gestão Ambiental do Instituto Terra que participaram da descida. Pais, professores e lideranças comunitárias também participaram das atividades que abrangeram 25 escolas nas sedes dos municípios, distritos, vilas e comunidades rurais.

As equipes levaram muitas informações, mas também puderam conhecer de perto experiências interessantes praticadas pelas próprias escolas e comunidades.



Documentação e divulgação

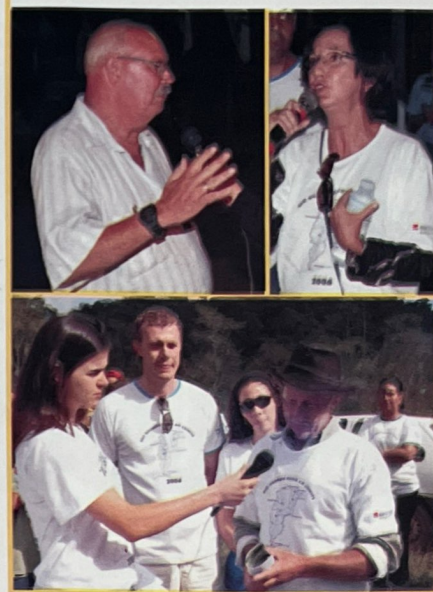
Para registrar tanta riqueza foi contratada uma equipe de filmagem (cinegrafista e auxiliar), fotógrafo e reportagem. Mais de 20 horas de gravações, perto de 3 mil fotografias, sem contar as fotos feitas pelas dezenas de câmeras amadoras e celulares que registraram cada momento da Descida do Guandu.

A TV Assembléia do Espírito Santo deu cobertura e divulgação no primeiro e no último dias de mobilização. O jornal Tribuna Livre, de Baixo Guandu e uma série de outros periódicos regionais, avaliaram positivamente o acontecimento. Nós, da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE não poderíamos ficar de fora...

Festa da gestão

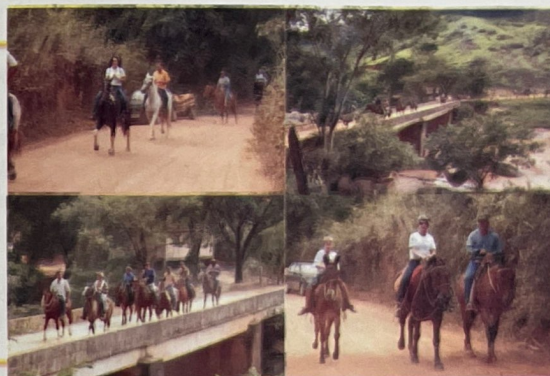
A cada noite que precedia os trabalhos nos municípios visitados, a equipe era recepcionada com uma bela festa preparada pelos parceiros e mobilizadores locais (prefeituras, sindicatos, associações, etc) onde aconteciam discursos emocionados e mini-palestras sobre o processo de gestão das águas. Em todas elas os participantes foram brindados com apresentações de dança, música, teatro e mostras de artesanato feitas por escolas, grupos folclóricos e de terceira idade. Até um trio elétrico compareceu levando um show de forró na última noite da descida.

O Grupo de Escoteiros de Afonso Cláudio dava um show à parte com o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Espírito Santo, dos municípios da bacia, do Consórcio Guandu, e do próprio grupo escoteiro.



Cavalgada em defesa do rio

Durante o último trecho da viagem os reforços chegaram a galope. Homens, mulheres e crianças de Ibituba cavalgaram por cerca de 6 horas até a sede do município de Baixo Guandu para apoiar o movimento em defesa do rio. Chamando a atenção por onde passava, a cavalgada seguiu paralelamente ao rio, atravessando pontes, cumprimentando os ribeirinhos e fazendo poeira na estrada.



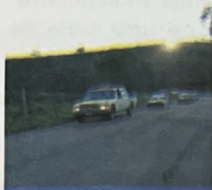


Parceria e companheirismo

Estas duas palavras fizeram a diferença na Descida do Guandu. Houve parceiros que apoiaram financeiramente, outros forneceram alimentação ou espaço para alojamento. Veículo de um parceiro, combustível do outro. Apoio material de uns, apoio humano de outros, apoio moral de todos.

Dormir? Em escolas, creches, barracas. Acordar cedo (cinco da manhã). Trabalhar até tarde. Almoçar com o prato na mão. Lanchar sentado no chão aproveitando as brechas para um breve descanso. Se houve uma desavença aqui ou acolá, ninguém percebeu. O clima foi de união, de festa, de alegria.

Estavam juntos no mesmo barco técnicos (Funasa, Cipe Rio Doce, Cesan, Escelsa, IDAF, INCAPER e prefeituras), militares (Corpo de Bombeiros, PM/ES), jovens (Instituto Terra, Grupo de Escoteiros), lideranças (sindicatos, câmaras de vereadores, associações), artistas (músicos, atores, poetas), crianças (escolas e famílias envolvidas) e a população em geral. Cada um dando o melhor de si para um resultado de harmonia e aglutinação.



"Não deixe o rio Guandu secar"



A frase acima, estampada na capa da cartilha produzida e distribuída pelo IEMA resume um dos propósitos da Descida Ecológica que foi o de estimular a proteção de nascentes. Foram cadastrados nascentes e proprietários, que farão parte de um projeto de recuperação de nascentes em execução na bacia, pelo Consórcio do Rio Guandu, o Instituto Terra e outros parceiros. Nas idas a campo, as equipes de educação ambiental fizeram plantios simbólicos e fixaram placas comemorativas em 15 nascentes. A preservação de nascentes era tema obrigatório em todas as ações de educação ambiental e no teatrinho do "Juquinha e sua Turma".

A nascente principal do rio Guandu, nas terras do senhor Nivaldo, foi visitada por todas as equipes participantes e por alunos da comunidade próxima.

Desafio e esperança

A geografia física e humana da bacia do rio Guandu ficará marcada na memória dos quase duzentos participantes da Descida Ecológica. Dramas e belezas estampados nas paisagens, no trabalho rural, nos rostinhos infantis, nas janelas empoeiradas.

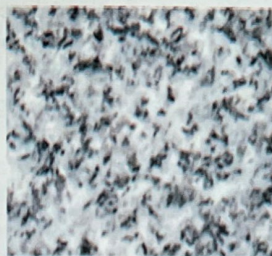
O assoreamento desafiando as nascentes de águas cristalinas. Degradação versus preservação. Matas nativas em contraste com amplas áreas de cultura. Terras férteis e belas montanhas. O calor humano abrandando a dureza da lida no campo. As cabeceiras frias lentamente se transformando nas áreas quentes próximas à foz no rio Doce.

Quem já conhecia teve oportunidade de revisitar detalhes às vezes esquecidos. Quem foi pela primeira vez encheu os olhos e o coração de esperanças na união da bacia em busca de um futuro melhor para todos.





Para nós,
crescer
é sinônimo de
vida melhor
para todos.



Desenvolvimento com qualidade de vida

Escola e comunidade adotam nascentes

Uma comunidade rural no interior capixaba vem se tornando referência ambiental na bacia do rio Doce pela capacidade de articular parcerias. O lugar chama-se Empoçado e situa-se no município de Afonso Cláudio, banhado pelo rio Guandu, numa das mais belas paisagens da região serrana do Espírito Santo. Formada por pequenas propriedades agrícolas, a localidade tem se destacado em projetos de preservação ambiental, atraindo apoio de órgãos públicos, ONGs e outras instituições. O projeto de maior destaque atualmente é o de recuperação de nascentes.

Por iniciativa da Escola Agrícola Municipal os produtores juntaram-se para a execução de um amplo programa de revitalização dos recursos hídricos da região, denominado "Adote uma Nascente".

Até agora, a comunidade já conquistou o apoio do Ministério Público Estadual (ES), do Instituto Terra (MG), Incaper e Idaf.

As primeiras oito nascentes começaram a ser recuperadas em quatro propriedades, com o plantio de 8 mil mudas, totalizando sete hectares de área replantada. No próximo período de chuvas, o Instituto Terra iniciará o trabalho em outras 22 nascentes, com recursos do Fundo Nacional de Meio Ambiente, em parceria com o Consórcio do Rio Guandu.

Apesar do nome do lugar ter nascido pelo grande acúmulo de água que ali ocorre nos períodos de cheia, foi uma dramática estiagem, em 2003, que mostrou a necessidade da recuperação das nascentes. Na época, após 10 meses sem chuvas, os rios secaram, houve perda de produção agrícola e até as residências sofreram com a falta de água. A partir daí, a Escola Agrícola, localizada na comunidade, desenvolveu um trabalho de educação ambiental com os alunos sobre cooperativismo e água, resultando numa cartilha vencedora de concursos escolares.

Com o incentivo da diretora da escola, Valquíria Carnielli Tonoli, e da Associação do Meio Ambiente de Afonso Cláudio, o conteúdo da cartilha transformou-se numa atividade prática junto aos produtores. O professor de Técnica Agrícola, Anderson Pagotto, e o produtor João Luís Lopes, do Sítio Capiáu, de agroturismo, cadastraram as nascentes e sensibilizaram os proprietários. O sítio é parceiro da escola há quase 10 anos, quando, juntos estabeleceram como meta a transformação do Empoçado num destaque para Afonso Cláudio. A parceria já rendeu descobertas preciosas para o lugar. Foram catalogados tucanos, preguiças, quatro espécies de macacos, um bando de mais de 50 jacupembas, jaguatirica com filhotes e oito grutas.

Hoje o Empoçado integra o Corredor Ecológico Saíra Apunhalada, em implantação pelo lema - Instituto Estadual do Meio Ambiente, em parceria com os governos do Brasil e Alemanha, abrangendo a região de Castelo, Venda Nova, Brejetuba e Afonso Cláudio. A proposta é integrar fragmentos de matas para que as espécies animais possam se locomover em áreas maiores, aumentando a possibilidade de preservação e procriação.





GIRO PELA BACIA

Todas as unidades de planejamento e gestão do Doce tiveram atividades durante o primeiro semestre de 2006. Desde a Comissão Pró-comitê do São José, ainda em fase de articulação, até o Comitê Rio Caratinga, o mais antigo da bacia. O Fórum das Águas do Rio Doce foi um importante ponto de encontro contando com participantes de todos os comitês e comissões. Uma reunião promovida pela Agência Nacional de Águas colocou em pauta a discussão sobre o Convênio de Integração da Bacia. Embora ainda não tenha gerado consenso, o esclarecimento sobre a proposta deu mais alguns passos e novas rodadas de negociações deverão ocorrer nos próximos meses.

O primeiro comitê formalizado na porção espírito-santense da bacia foi o CBH-Santa Maria do Doce. O colegiado tomou posse no dia 24 de maio, em solenidade durante reunião do Conselho Estadual de Recursos Hídricos. Antes mesmo de tomar posse, o comitê participou do II Fórum das Águas do Rio Doce, num estande em parceria com a Associação Colatinense de Defesa Ecológica (ACODE).

A porção extrema do Doce, próxima à foz, abrange diversos afluentes, de portes variados. Apesar das diferenças existentes em termos sociais, ambientais e culturais entre essas bacias, um importante traço em comum as une: todas atravessam o município de Linhares. Desta forma, as lideranças locais estão se organizando para criar um único comitê, o CBH-Baixo Rio Doce. A idéia, que tem o apoio do lema, é fortalecer a gestão das águas naquela importante área da bacia.

A Comissão Pró-comitê do Rio Guandu, após uma vitoriosa expedição pela bacia, protocolou o pedido de criação do CBH-Guandu junto ao Conselho Estadual de Recursos Hídricos do Espírito Santo. A etapa seguinte, já iniciada, é a

formação da Comissão Provisória. Serão escolhidos representantes dos quatro municípios da bacia (Brejetuba, Afonso Cláudio, Laranja da Terra e Baixo Guandu) e eleita uma diretoria provisória para agilizar a formação do comitê.

Do lado mineiro, o caçulinha dos comitês, o CBH-Suaçuí Grande,



embora tenha muito tempo de mobilização, só agora fez a composição do seu colegiado. Até o fechamento desta edição a data da posse do colegiado ainda não havia sido marcada.

Mais antigo do Doce (criado em 1998 e empossado em 1999), o Comitê Rio Caratinga passa por um processo de reestruturação.



Opinião

"O município de Linhares está empenhado na criação de um único comitê que integre toda a região da foz. Entendemos que na gestão das águas é preciso somar e não dividir".

Enoque Nunes, secretário de Meio Ambiente de Linhares, ES



Após um longo período em que, por motivos burocráticos, o comitê enfrentou problemas legais, finalmente uma reunião realizada em 15 de maio definiu pela legitimação do colegiado eleito em 2003 e até hoje não empossado. Durante este período o comitê reuniu regularmente suas câmaras técnicas e assembleias gerais.



processo de elaboração.

As visitas fazem parte da proposta de aproximação entre o CBH-Doce e os comitês das bacias dos rios afluentes, com vistas à integração da bacia. A integração também é meta das Câmaras Técnicas (CTs) do CBH-Doce. Em seus planos de trabalho, tanto a Câmara Técnica de Capacitação e Informação (CTCI) como a Câmara Técnica de Gestão de Cheias (CTGC) privilegiam ações junto aos comitês dos afluentes.

O CBH-Santo Antônio foi o último a se reunir no primeiro semestre de 2006. O principal objetivo da assembleia foi o estabelecimento de regras para criação de Câmaras Técnicas e a instituição das duas primeiras CTs, a Câmara Técnica Institucional e Legal e a Câmara Técnica de Outorga.

Finalizando o Giro Pela Bacia, a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE destaca a realização da reunião de 18 empresas municipais de saneamento, ocorrida no último dia 19 de maio, em Manhuaçu, MG, para a criação de um consórcio intermunicipal de saneamento. A idéia é fruto da Agenda de Trabalho elaborada durante o Fórum das Águas, em Colatina, e vai ser uma importante ferramenta para integração do setor.



Os CBHs Piracicaba, Piranga e Manhuaçu receberam a visita do secretário executivo do CBH-Doce, Vítor Feitosa. Acompanhado dos técnicos da Unidade Administrativa Regional da ANA (UAR), Fabiano Alves e Ney Murtha, o secretário foi aos comitês falar sobre Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Doce (PRH-Doce) e como os comitês estaduais podem participar do



Opinião

"A integração da bacia é uma preocupação e um grande desafio.

A mensagem que estamos levando a todos os comitês é de que o Plano não é um instrumento fechado, é um processo em construção. Pode e deve servir de base para elaboração dos planos das bacias dos rios afluentes, que por sua vez, posteriormente darão subsídio para alterações no Plano do Doce. É esta relação de subsidiariedade que deve prevalecer e não de hierarquia entre os comitês."

Opinião

"A caminhada para chegarmos à posse de um comitê é longa e deve ser trilhada com muita segurança. Temos certeza de que o CBH-Santa Maria do Doce vai ter uma atuação sólida na gestão das águas da bacia do Doce."

Daniel Pereira de Araújo,
secretário do CBH-Santa
Maria do Doce.

Opinião

"É uma pena que o primeiro Plano de Bacia a ser elaborado não seja da região da nascente. Mas, nós do CBH-Piranga estaremos juntos neste processo".

Homero Ribeiro,
presidente do
CBH-Piranga

Vítor Feitosa,
secretário executivo
do CBH-Doce



Recursos hídricos, desafios da gestão

Ney Murtha*

Comemorada por alguns como uma das mais avançadas legislações de recursos hídricos do mundo, e criticada por outros sob o argumento de que representaria mais uma etapa da consolidação capitalista pela redução do papel do Estado e pela apropriação privada dos recursos naturais por meio das outorgas de direito de uso, a Lei 9.433, de 1997, trouxe à tona mais desafios que soluções, mais complexidades que facilidades para o Estado. Isso não é necessariamente ruim. O novo arcabouço jurídico e institucional consagra a idéia de que as soluções têm de ser pactuadas entre governo e sociedade, privado e público, municípios, estados e União. Indica o caminho da negociação e da articulação.

A implantação da gestão democrática, participativa e descentralizada passa a ser o grande desafio imediato do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Esse é o primeiro passo para estabelecer e consolidar uma estrutura institucional com caráter de Estado, participação dos setores usuários e controle social.

Não resta dúvida de que este é um arranjo que contempla os mais avançados princípios da governança progressista, mas não deve ser um fim em si mesmo; não se pode perder de vista que todo este esforço se destina a transformar a triste realidade de boa parte dos nossos rios e lagos. Ou este arranjo se mostra capaz de garantir o domínio do interesse público sobre o privado e de assegurar disponibilidade de água com qualidade, ou estará fadado ao fracasso pela perda de legitimidade.

A apropriação privada dos recursos naturais ocorre desde os primórdios, e estimula indivíduos, corporações e nações. A apropriação do recurso pelo direito de uso por meio da outorga pode viabilizar desenvolvimento social como consequência do

crescimento econômico ou provocar distorções sociais de grande magnitude. A concentração de renda, a restrição a possibilidades de socialização dos benefícios do uso dos recursos hídricos e a exclusão social são as faces mais visíveis e odiosas de uma distribuição equivocada do acesso à água.

Outro problema importante é o lançamento de grandes quantidades de compostos orgânicos oriundos dos esgotos urbanos, de efluentes químicos industriais, de rejeitos de atividades minerárias, de agroquímicos e o uso predatório do solo.

Representam graves agressões aos corpos d'água e provocam restrições significativas ao seu uso.

O monitoramento da qualidade das águas tem demonstrado a gravidade do quadro de degradação de boa parte dos nossos recursos hídricos superficiais e subterrâneos.

Ou somos eficazes na reversão deste quadro e caminhamos para a garantia da sustentabilidade do uso, a preservação do recurso e a socialização dos benefícios do acesso à água, ou estaremos assumindo a falência do Estado enquanto regulador, articulador de ações e representante dos legítimos interesses da nossa sociedade. Não basta ter legislação contemporânea, avançada e um sistema bem articulado e participativo se nossos rios continuarem agonizantes e apropriáveis.

Nossa Lei das Águas será de fato instrumento de controle social, de eficiência econômica e ambiental - ou estarão certos os críticos - e será instrumento da consolidação do poder do capital sobre Estado e sociedade? Simples assim. O tempo dirá a que veio, as regras do jogo estão estabelecidas e a bola rolando. Comitês de bacia e demais órgãos do sistema devem estar atentos a essas questões e, principalmente, ter clareza sobre as implicações de suas decisões.

*Ney A. Murtha é mestre em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos e especialista em Recursos Hídricos da Agência Nacional de Águas.

Preservação e recuperação

Empresa aposta nas parcerias

Diversas atividades comemorativas realizadas pela Cenibra marcaram o mês do meio ambiente. Eventos como o 3º Encontro das Águas na Lagoa Teobaldo, palestras, caminhadas ecológicas, plantio de árvores em parceria com escolas, apresentações teatrais e exibição de filmes sobre o meio ambiente aconteceram em diversas localidades da bacia do Doce. Mas, são as ações ao longo do ano, com as mais diversas parcerias, que marcam a boa relação da empresa com o meio ambiente.

O Programa de Educação Ambiental da empresa (PEA) envolve tanto o público interno quanto o externo. O PEA foi precedido por um diagnóstico específico que norteou as propostas conceituais e pedagógicas a serem implementadas pela empresa ao longo do tempo. As propostas de trabalho foram formalizadas junto à Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM), e contou com a colaboração do Núcleo de Educação Ambiental da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).

Paralelamente aos treinamentos específicos da unidade industrial, destacam-se o benefício e a abrangência dos treinamentos ambientais executados nas unidades de manejo florestal e comunidades afins, dentro do projeto das certificações florestais FSC/CERFLOR. As questões ambientais específicas das comunidades na área de influência da empresa também foram abordadas, por meio de um curso de capacitação para os Conselhos Municipais de Desenvolvimento Ambiental (CODEMAs), promovido pela Cenibra em parceria com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD).

Parcerias com universidades possibilitam atividades de recuperação e de monitoramento de monumentos ecológicos, históricos e dos recursos hídricos da área de abrangência da Cenibra.

No caso dos recursos hídricos os monitoramentos são realizados por pesquisadores do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste/MG), desde 2001, quando a Cenibra e a instituição de ensino superior firmaram um convênio que visou também a criação de um laboratório de pesquisas ambientais. Além do monitoramento dos recursos hídricos em oito rios e cinco lagos em áreas com diferentes coberturas vegetais pertencentes à Cenibra, o convênio possibilita o desenvolvimento de pesquisas ambientais por pesquisadores e estudantes do Unileste/MG em toda a região, contribuindo significativamente para a geração de conhecimento e solução de problemas.

O Unileste/MG é também responsável pelo monitoramento da qualidade da água de diversos lagos. O sistema lacustre do médio rio Doce é um dos mais importantes do Brasil, abrigando diversas espécies da fauna e flora regionais, endêmicas, raras ou ameaçadas de extinção. A Cenibra realiza diversas ações voltadas para o conhecimento e manutenção da integridade desse ecossistema em suas propriedades. Além dos monitoramentos ambientais, são de grande importância os trabalhos de recuperação das matas ciliares dos lagos situados em propriedades da CENIBRA.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) realiza o monitoramento da recuperação da mata ciliar da lagoa Teobaldo. Situada no município de Antônio Dias, a 1.000 metros de altitude, ela constitui um ecossistema raro. É a única lagoa natural na região do médio rio Doce nessa altitude. A Cenibra retirou o eucalipto das margens e plantou, em parceria com as comunidades da região, mudas de árvores nativas para formação da mata ciliar da lagoa. O monitoramento realizado pelos especialistas da UFV está evidenciando o bom desenvolvimento das mudas que foram plantadas.





Na primeira metade do século XIX os pomeranos começaram a chegar à bacia do rio Doce, através do Espírito Santo, onde atualmente encontra-se a maior concentração deste povo no país. Oriundos de uma região em grande conflito, a extinta Pomerânia, localizada onde hoje estão a Alemanha e a Polônia, os pomeranos migraram para as terras brasileiras à procura de novas oportunidades abertas pelo fim da escravidão e a escassez de mão-de-obra no meio rural. Atualmente, na bacia do Doce, os pomeranos concentram-se nas cidades de Laranja da Terra, São Gabriel da Palha, Baixo Guandu e Pancas (Espírito Santo), Mutum e Lajinha (Minas Gerais).

Superadas as dificuldades iniciais de adaptação ao novo país, os pomeranos deram continuidade à sua boa relação com a terra, de onde sempre tiraram seu sustento. Hoje, são os maiores produtores de hortifrutigrangeiros do Espírito Santo e estão entre os principais produtores de café.



Mantendo as tradições culturais

Sempre demonstrando respeito pela terra, a tradição e a cultura essencialmente rural, desde a fundação das colônias eles mantêm a religião Luterana e sua língua natal, o dialeto "pomerod". Várias ações vêm sendo feitas para ajudá-los a conservar sua cultura, a exemplo de um projeto do governo do Espírito Santo que está levando a alfabetização em "pomerod" às crianças das escolas das cidades povoadas pelos pomeranos. Ainda este ano deve ser lançada a primeira gramática da língua.

As danças típicas, trazidas pelos primeiros imigrantes e preservadas até hoje, são atração turística e motivo de festa nas diversas comunidades pomeranas. Grupos de dança começam a surgir em todo o estado envolvendo jovens e crianças.

Outra tradição ainda preservada pelos pomeranos é a festa de casamento. O noivo participa de brincadeiras em que demonstra força e capacidade de trabalho; vizinhos e amigos se divertem no baile do quebralouça e em uma caravana de caminhões e carroças decorados com flores e ramos. As cerimônias civil e religiosa são iniciadas por um show de fogos de artifício e encerradas com a dança da grinalda e uma disputa de tiro ao alvo. A lua-de-mel não é comum entre os pomeranos.



ECOLOGIA

Especial bacia do Doce

Em meados de maio, recebemos um telefonema do Rio de Janeiro que nos deixou ao mesmo tempo lisonjeados e apreensivos. Era a editora do programa Globo Ecologia, Elza Savaget, pedindo que a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE auxiliasse sua equipe de reportagem na tarefa de preparar um especial sobre a nossa bacia. O programa é parte de uma série de produtos sobre quatro importantes bacias hidrográficas brasileiras gerados pelo projeto Águas do Futuro, uma parceria entre a ANA e a Fundação Roberto Marinho.

Os dados preliminares haviam sido levantados e a pauta preparada pela equipe do programa que também já tinha feito contatos com a diretoria do CBH-Doce, com os secretários de Meio Ambiente Glorinha e José Carlos de Carvalho e com várias outras

fontes. À nossa equipe caberia o papel de suporte aos repórteres dentro da bacia, facilitando contatos e deslocamentos.

Veio a pergunta: de quanto tempo a equipe dispõe para as gravações? "Cinco dias", respondeu a voz do outro lado da linha. A estratégia então foi envolver as instituições como os comitês, ONGs, prefeituras, câmaras de vereadores e empresas. Rapidamente o esquema foi montado. Como sempre, a amizade e a

integração da bacia falaram alto. Trocamos e-mails e telefonemas, estabelecemos o roteiro das gravações e saímos a campo.

Em cada lugar nós pudemos contar com o apoio dos parceiros para falar sobre nossa bacia. A equipe do Globo Ecologia não pôde ver nem filmar tudo o que tínhamos para mostrar, mas, com certeza, saiu daqui conhecendo um pouco mais sobre nossa bacia hidrográfica e com muitas idéias para futuras reportagens.

Diário de bordo

DIA 25/5 - Quinta-feira

9h15 - Chegada da equipe do Globo Ecologia a Belo Horizonte. O cinegrafista Antônio Gurgel e o repórter José Eduardo foram recepcionados por Carol e Jacy (IGAM) que os guiaram até Ressaquinha, onde se encontraram com a equipe da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE.

11h - Recepção no estilo mineiro, na casa do vereador Jair Henriques, com broa, queijo, café e até lingüiça assada na brasa do fogão a lenha.

11h30 - Saída em direção à nascente do Doce, acompanhados pelo "Seu Jair", o prefeito do município, Manoel da Silva Ribeiro, sua esposa e Luis Carlos Santa Rosa, filho do proprietário da área da principal nascente do rio Piranga, formador do rio Doce. Recepção na fazenda da família Santa Rosa. Café e biscoito de polvilho.

17h - Chegada a Mariana. Imagens e entrevistas na histórica cidade que deu início ao ciclo do ouro e à ocupação da bacia, às margens do ribeirão do Carmo.

20h - Chegada a Ponte Nova. Jantar em companhia do secretário municipal de Meio Ambiente e do técnico do DMAES, Gandy Ney Camargo.

DIA 26/05 - Sexta-feira

7h - Café da manhã no Parque Estadual do Rio Doce (PERD), gravação na lagoa do Bispo, mata do parque e entrevista com o gerente do PERD, Marcus Vinicius, o Marcão. Encontro com outros integrantes da equipe da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE, Fátima e Alex. Primeiro trecho de sobrevôo em helicóptero fornecido pelo Instituto Estadual de Florestas- IEF em companhia do Marcão. Imagens do encontro do ribeirão do Carmo com o rio Piranga, onde as águas efetivamente ganham o nome de rio Doce; florestas de eucalipto, carvoarias, fazendas de gado e culturas diversas como cana de açúcar e milho; cenas aéreas do Parque Estadual do Rio Doce (maior remanescente de mata atlântica da bacia) e seu complexo lacustre; lagoa do Bispo, ponte Queimada, ponte Perdida e encontro do rio Piracicaba com o rio Doce.

12h - Pauso e almoço na APA da lagoa Silvana. Um passeio de lancha permitiu a gravação de imagens da lagoa.

13h30 - Sobrevôo da área urbana de Ipatinga, ETE - Estação de Tratamento de Esgoto de Ipatinga, Usiminas, e



ESPECIAL BACIA DO DOCE



Doce lembrança

José Eduardo*

Quando fui informado pela produção do Globo Ecologia que faríamos uma série de programas sobre bacias hidrográficas, fiquei animado com o tema e ansioso para saber quais locais seriam visitados. Ao saber que o rio Doce estava na lista, perguntei a mim mesmo: como será que mineiros e capixabas estão tratando o seu rio?

Mal sabia eu que só teria a resposta para esta pergunta após percorrer os 853 quilômetros de extensão do Doce, desde a sua nascente, próxima à cidade de Ressaquinha, em Minas Gerais, até a foz em Regência, já no Espírito Santo. Pois foi o que fiz. E em seis dias tive a oportunidade de ver e conhecer a relação de um povo com o seu rio. Conversei com prefeitos, empresários, músicos, engenheiros, pesquisadores e, principalmente, moradores, gente comum, da beira do rio, que sabe como ninguém a importância de se manter um ambiente limpo e preservado.

O histórico de ocupação do solo da bacia do rio Doce provou, ao longo de décadas, que a falta de planejamento urbano e no campo pode abrir uma ferida sem precedentes em qualquer região. Pois bem, hoje, ao sobrevoar trechos da bacia, vemos que a expansão industrial e agrícola e o baixo índice de tratamento de esgoto causaram impactos ambientais consideráveis no rio Doce e em seus afluentes. Mas, como há sempre um lado bom nas coisas e, cá entre nós, é nele em que devemos pensar quando encontramos um desafio pela frente, existe um trabalho de bastidores que começa a ganhar forma para recuperar as águas do Doce e minimizar os efeitos, às vezes degenerativos, causados pelo progresso e pelo desenvolvimento.



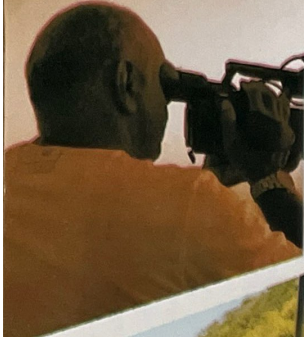
Estou falando do modelo de gestão dos recursos hídricos adotado pelo Comitê da Bacia do Rio Doce. Assim como em outras regiões do país, o comitê reúne

membros das três esferas de governo: federal, estadual e municipal, além de representantes da sociedade civil, que juntos decidem o que deve ser feito para recuperar uma bacia. E isso foi o que mais me impressionou. O espírito de luta e dedicação de quem vive às margens do rio e depende de alguma forma dele para sobreviver. Em cada conversa, em cada bate-papo de esquina, em cada jantar, eu pude perceber a vontade das pessoas em entender o assunto, em buscar informação sobre o que está em jogo. De colocar questões em debate em busca de um objetivo comum.

Poderia citar cidades, exemplos de projetos bem-sucedidos, mas vou apenas elogiar um trabalho que creio estar no caminho certo; afinal, numa bacia, não existem divisas entre estados ou limites entre municípios. O que existe é vontade, vontade de um, de dois... de todos. Um lugar onde a vida mostra a cada dia que soluções existem, basta que sejam apresentadas a quem realmente possa tomar coragem para realizar um feito capaz de mudar a história.



* José Eduardo Brito Cunha é repórter do Globo Ecologia




Estação de Tratamento de Esgoto de Ipatinga, Usiminas, e pouso no parque Ipanema, local onde será o 3º Fórum das Águas do Rio Doce, em 2007. Entrevista com o diretor de Meio Ambiente da prefeitura, Antônio Carlos Guimarães.

15h - Sobrevôo de Ipatinga a Governador Valadares. Imagens aéreas da ferrovia Vitória a Minas, BR-381, Cenibra, foz do rio Santo Antônio, grandes extensões de eucalipto, assoreamento do rio, área urbana de Valadares (áreas atingidas por inundações, Ilha dos Araújos)

16h30 - Pouso do helicóptero no 6º Batalhão da Polícia Militar, em Governador Valadares.

DIA 27/5 - Sábado




8h - Sobrevôo de Governador Valadares até Barra do Cuieté, distrito de Conselheiro Pena, em companhia do especialista em recursos hídricos da ANA, Ney Murtha. Imagens da foz do rio Caratinga, áreas degradadas do médio rio Doce, identificação de processos de erosão e desertificação local.

9h - Entrevistas com coronel Albino, coordenador da Defesa Civil de GV e presidente da Câmara Técnica de Gestão de Cheias do CBH-Doce, com moradores locais e com Ney Murtha.

13h - Translado de carro até Barra do Cuieté. Imagens da foz do rio Suaçuí Grande, travessia de balsa no rio Doce, trecho de trem de Barra do Cuieté a Conselheiro Pena. Contato com o prefeito Neiwal Andrade.

19h - Jantar em companhia da ambientalista Alba Valéria (Associação de Defesa Ecológica de Resplendor), às margens do reservatório da Usina Hidrelétrica de Aimorés.


Dia 28 - Domingo



9h - Instituto Terra. Café da manhã com alunos do curso pós-técnico em Gestão Ambiental, imagens e entrevistas sobre o projeto de recuperação de nascentes em parceria com o Consórcio do Rio Guandu. Entrevista com Gilse Olinda (Consórcio do Rio Guandu) e imagens em Baixo Guandu. Gravação de apresentação musical do clarinetista José Coelho. Almoço no estilo capixaba, com moqueca de peixe e pirão, na foz do rio Guandu.

15h - Descida de carro até Itapina, município de Colatina. Gravação de músicas típicas do rio Doce com os artistas colatinenses Efraim Maia, Zé do Brejo, Dimas, Moisés e convidados (no pôr do sol, dentro da balsa atravessando o rio Doce)

Dia 29/05 - Segunda-feira



8h30 - Sobrevôo em helicóptero fornecido pela Polícia Militar do Espírito Santo, em companhia do diretor do Sanear, de Colatina, Cleuber Melotti. Imagens da área urbana de Colatina, foz do rio Santa Maria e do trecho do rio Doce de Baixo Guandu a Colatina. Assoreamento.

9h30 - Entrevista com o presidente do CBH-Doce, João Guerino Balestrassi.

10h30 - Sobrevôo de Colatina a Linhares. Imagens de lagos e ilhas. Lagoa Juparanã, a maior do Doce, área urbana de Linhares.

12h30 - Almoço em Linhares, em companhia dos secretários municipais de Desenvolvimento, Edval Santana e de Meio Ambiente, Enoque Nunes, empresários da área de fruticultura e ambientalistas.


14h - Sobrevôo da área rural de Linhares, imagens aéreas de culturas diversas, pecuária, matas ciliares consorciadas com cacau. Pouso em uma fazenda de cacau. Entrevista com o proprietário.

15h - Sobrevôo até a vila de Regência. Imagens da planície costeira, exploração de petróleo, delta do rio (foz do Doce).

16h - Pouso do helicóptero em Regência. Encontro com Esther Kill (Projeto Águas do Rio Doce) e Ailton (IEMA) Apresentações das crianças da escola local, congo mirim e banda de congo adulto. Entrevistas com moradores.

20h30 - Jantar típico em companhia de ambientalistas e artistas locais

Dia 30/05 - Terça-feira

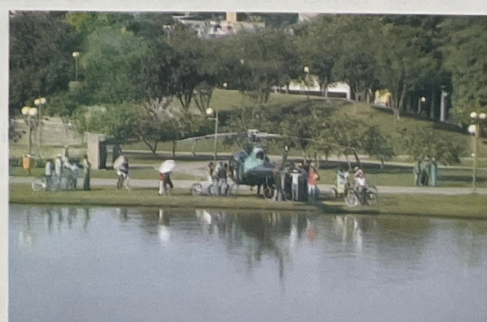


6h - Gravação em lancha fornecida pelo Projeto Tamar. Imagens do nascer do sol na foz. Imagens da mata ciliar, assoreamento, entrevista com Joca, coordenador do Projeto Tamar.

11h - Ida por terra à base do Projeto Tamar, na reserva biológica de Comboios.

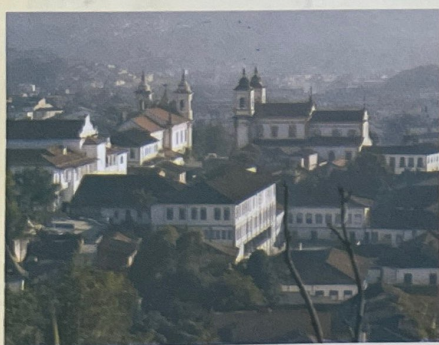
13h - Almoço e entrevista com a equipe da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE.

15h - Retorno da equipe do Globo Ecologia para Vitória, onde repórter e cinegrafista tomaram o avião de volta para o Rio de Janeiro. Retorno da equipe da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE, por terra, a Minas Gerais.





**TEMPO DE PRESERVAR...
TEMPO DE RECUPERAR...
TEMPO DE CONHECER.**



PREFEITURA
de Mariana 

A força de um novo tempo



01



02



03

01) Sebastião Quintão, prefeito de Ipatinga, recebe a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE da editora Zaira Andrade

02) Na abertura do Regional de Meio Ambiente, em Ipatinga/MG, o prefeito Sebastião Quintão passa um exemplar da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE às mãos do secretário José Carlos de Carvalho

03) Pedro Paulo (Projeto Águas do Rio Doce) e José Eduardo (Globo Ecologia) recebem o livro Pingos e Respingos das mãos do autor, Cariê Lindemberg (Rede Gazeta)

04) Ana Cristina (IGAM) e Gandy (DMAES/Ponte Nova) em reunião do CBH-Piranga

05) Márcio Pedrosa (Copasa) e Fátima Queiroz (Projeto Águas do Rio Doce), na reunião



04



05



06

preparatória para o III Fórum das Águas, em Ipatinga

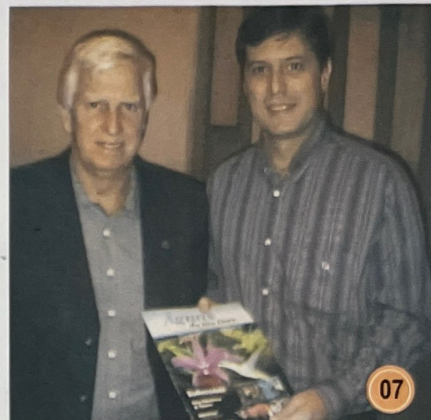
06) Ricardo e Zaira na Praça Sol Poente, em Colatina

07) João Vanderley (Usiminas), secretário executivo do CBH-Piracicaba e Marco Antônio Astolfi (FIEMG/Regional Rio Doce) recebem a REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE

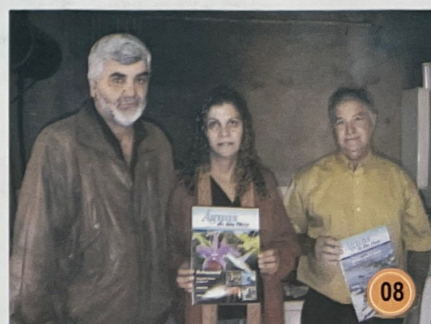
08) Prefeito de Ressaquinha, doutor Manoel, a primeira dama do município e o vereador Jair

09) Gilse Olinda (Consórcio Rio Guandu) no Instituto Terra, ao lado de Sebastião Salgado e sua esposa Lélia, presidente da instituição parceira da Descida do Guandu

10) Alunas do Instituto Terra aprendendo e ensinando na Descida do Guandu



07



08



09



10

II Fórum das Águas do Rio Doce, Colatina/ES, 29 a 31 de março de 2006



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25

11) Da esquerda para a direita: Paulo Teodoro, diretor geral do IGAM, Cleuber Melotti, diretor administrativo do Sanear, Romário Bazílio, prefeito de Itaguaçu, Maria da Glória Brito Abaurre, secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado do Espírito Santo e Guerino Balestrassi, prefeito de Colatina, no estande do IEMA/ Governo do Espírito Santo

12) Paulo Teodoro, Adolpho Portella e equipe recebem Patrícia Bosen (FIEMG) e Ricardo Castilho (CVRD) no estande do IGAM/Governo de Minas.

13) Alegria no estande do Sanear/Prefeitura de Colatina.

14) Guerino Balestrassi, prefeito de Colatina, com sua esposa Patrícia e a filha Glícia

15) Equipe de trabalho do II Fórum das Águas do Rio Doce recebe visitantes no escritório central da coordenação

16) Leonardo Deptulski, vice-prefeito de Colatina, e Lucas Margotto, presidente da ACODE, no lançamento do CD de Itapina no estande do Sanear/Prefeitura de Colatina

17) Prefeito de Colatina homenageia autoridades: Rodrigo Flecha (ANA), Paulo Teodoro (IGAM) e Vitor Feitosa (Samarco)

18) Karla Libardi (MS Eventos), Maria Esther Kill (Rede Realiza) e Carlos Eduardo Libardi (MS Eventos)

19) Da esquerda para direita: Newton Tibúrcio (prefeitura de Ipatinga), Cleuber Melotti (Sanear), Dom Décio (bispo de Colatina), Guerino Balestrassi (prefeito de Colatina) e Antônio Carlos Guimarães (prefeitura de Ipatinga)

20) Distribuição de brindes no estande da Cesan

21) Oscar Cordeiro, diretor da ANA, com a REVISTAAGUAS DO RIO DOCE, Nº 3

22) Da esquerda para a direita: Andréia e Lani (Sanear), Edmilson Teixeira, (Projeto Águas do Rio Doce), Paulo Fabrício (equipe de apoio) e Janaina (Sanear)

23) Edmilson Teixeira, em nome da equipe, recebe homenagem do prefeito de Colatina, Guerino Balestrassi

24) Organizadores e parceiros do evento diante do pórtico de entrada

25) Turma jovem da equipe de apoio e monitores das oficinas educativas

Coluna do Zé Dendágua

zedendagua@aguasdoriodoce.com.br



Ilustrações: Markinho

Ô gente! Eu tenho tanta coisa pra contá que nem sei se vô lembrá de tudo!

Tive a oportunidade de visitá a minha cumade Zaira, e meus cumpade Pedro Paulo, Edmilson, Melotti e o prefeito João, lá em Colatina, ainda durante a montagem da Cidade das Águas, adonde aconteceu o IIº Fórum das Águas do Rio Doce.

Acá, os cumpade e as cumade tava doidim de tanto serviço. Mas, valeu a pena! Eu nunca vi tanta gente invorvida num projeto só. Acho que foram umas 3.000 pessoas trabaiando. Até eu eles puseram lá. Tinha uma sala só pra eu receber as mininada: a "Sala do Zé Dendágua", cheia de retrato meu. Eu fiquei muito chique!

Sem contá aquele mundão de crianças que passô pela oficina, eu ainda achei um jeitinho de trocar um dedinho de prosa com muita gente importante que tava lá.

Ocêis imagina que inté o Bispo Dom Décio foi lá me conhecê depois de celebrar aquela missa bunita, formosa, cheia de cultura que deixô o Brasil todo emocionado. Pois ocêis veja só. E não foi só ele, não, gente! Teve um homem simpático lá de Brasília,

(eu pensei que era parente do Aírton Senna, mas depois descobri que ele era Senra, com "r" no meio). O nome dele é João Bosco. Ele é secretário dos recursos hídricos do Brasil e visitou o fórum todinho, acompanhado da cumade Glorinha, dos cumpade Carvalho (o Zé e o Paulo) e do cumpade Lelo.

Ô, gente! Era muito povo, ocêis precisava vê. Diz que foi umas 50 mil pessoas. Mas, pra mim parecia que o mundo inteiro tava ali, rapaiz, o dia inteirinho tinha gente pra lá, prá cá, pra lá visitando a feira, participando das palestras, assistindo os cursos, participando das brincadeiras.... Eu já tô cá pensando e preparando minhas mudas de roupa, pra ir pra Ipatinga adonde vai ser o III Fórum (e já tem até data: 28, 29, 30 e 31 de março de 2007). Eu cá fui convidado e inté participei da 1ª reunião preparatória. Tá tudo prometendo que vai ser um encontrão! Nóis vamo podê matá sardade e prosiá à vontade.

Agora, eu quase não acreditei, quando eu vi o povo de Linhares na tar da reunião. Num é que eles já tão trabaiando pro Fórum de 2008? Eles foram lá na reunião, puxado pelo cumpade Enoque, do meio ambiente, e o cumpade Edval, do planejamento, levando um desafio do prefeito deles, um moço chamado José Elias. Eles

falaram na reunião que o evento de Colatina foi bão, que Ipatinga promete ser melhor, mas com certeza o de Linhares vai ser muito melhor ainda.

Falando nesse pessoá do Espírito Santo, me alembrei de uma viagem danada de boa que teve no finarzinho de abril: a expedição do rio Guandu. A cumade Gilse me convidô e eu fui, né?! Nós saímos lá de Brejetuba e descemos até Baixo Guandu, passando por Afonso Cláudio e Laranja da Terra. Ô, festão bão! Além de conhecê muito lugar bunito, nós pudemos ajudar a conscientizar as crianças, os adultos, as artoridades, e ainda por cima dançá forró, trio elétrico e dança dos pomeranos. Cada lugá que nós parava tinha que tomar café, armuçá...Ficá sem cumê é que não podia.

Lá, eu fiquei sabendo que o cumpade Fábio Anerth é daquelas terras, descendente dos pomeranos, conhece aquela bacia como a parma da mão e ainda diz que sabe dançá aquelas dança deles? Intão, uma hora ele tava fazendo palestra, outra hora tava descendo de barco, outra hora descendo de caiaque e até de cavalo ele andou. Os organizadores se preocuparam com tudo, dividiram em equipes, contaram com a parceria dos alunos do Instituto Terra e ainda tiveram uma repórter muito bonita que tinha um assistente que dançava forró como ninguém. A cumade Gilse e a turma dela tão de parabéns!

O cumpade Afonso e a cumade Joema que estavam lá representando o Comitê do Doce, deram palestra pros produtores rurais e falaram pro povo aquelas palavras bunitas convidando todo mundo pra ver o Comitê do Doce como ponto de união de todos os comitês da bacia. Óia, prá conhecê essa bacia do Doce a gente precisa mesmo procurá os comitê e se informá. Essa bacia do Doce vai longe, se Deus quiser, afinal, nem tudo tá perdido.

Inté, pessoar! Abração procêis.

Zé Dendágua é um sujeito nascido e bem criado nas grotas da bacia do rio Doce. Filho de gente do campo, conhece todo mundo (é cheio de compadres e comadres). Apaixonado pela sua terra, suas águas e sua gente, gosta de um bom dedo de prosa e não tem papas na língua.



Opinião do Zé Dendágua



Fórum das Águas I

Acá, eu já vi uma muié braba nesta vida, mas a cumade Patrícia tá entre as mais zangada que eu conheço.

Ela ficou muuuuuito invocada na hora quando ficou sabendo que não ia ter a noite mineira e prometeu pra todo mundo um grande festão em Ipatinga, uma grande noite mineira, disse intê que é pros homem ir tirano os ismôquei do armário e as muié tirano os vestido (do armário também, né...).

Ismôquei? Num sei não. Eu tô até achando que é aquele terno cheio de nove hora que os home usa nos casamento, aqueles de novela, mas eu num quero nem sabê. Eu vou tá é lá... e a cumade Patrícia pode contá com o Zé Dendágua pra ajudá ela a fazê a festa bem bunita.

Fórum das Águas II

Mas num sabe que a moça tinha que



ficá braba mesmo? A noite capixaba de novo foi uma belezura de fazê inveja na minerada. Além das cumida gostosa que as capixaba sabe fazê, tava lá uma escola de samba em homenagem a Colatina que ocêis precisava vê! Cada mulata... Huuummm!

Foi um festão chamado de Festa da Integração. Nós sintimo muita farta mermo foi da cumade Glorinha. Parece que o governador mandou chamá ela bem na horinha. Que bobage! Ele é que devia de ter ido pra festa.

Fórum das Águas III

Mais num foi só a festa não, meu cumpade. Antes teve também uma missa celebrada pelo bispo Dom Décio mais um monte de padre que até passou na Rede Vida, um canar de televisão que todo mundo no Brasir gosta de assisti.

Ocêis precisava vê o cumpade Teodoro, o cumpade Guerino, a cumade Aparecida, o cumpade Célio lá do Santa Bárbara. A turma do Comitê do Doce tava toda lá e o Brasir interinho assistino, iguar na copa. E óia que o assunto da missa era a importância da água e do nosso rio.

Surpresa

Ocêis num imagina o susto que eu levei quando fiquei sabendo que o cumpade Gerardo (aquele moço chefe do gabinete do IGAM) é doutor veterinário. Eu já sabia que era letrado, só nem imaginava que o assunto dele era bicho. Acá, ocêis também ficaro surpreso né?

Eu tô pensando em convidá ele para ir na minha terrinha oiá minha Mimosa. Ela tá dano poco leite e eu acho que é paixão pelo boi do vizinho. Será que tem cura?

Globo Ecologia

Antes de terminar, iscuita só mais esta. Ouvi dizê que um dia desses aí pra trás, o pessoal aqui desta minha revista maravilhosa que eu adoro foram ser cicerone da equipe do Globo Ecologia aqui na bacia. Mostrá nosso povo e os lugar bunito pra eles.

Eles andaram de carro, de trem, de barco, de balsa e até voaram no elicópe do IEF e da Polícia Militar, carregando o mocinho bunitim, o Zé Eduardo, e o filmador chamado Antônio, que eles chamavam de Tonhão. Fizeram reportagem da nascente até a foz do nosso rio Doce.

Nossa revista tá muito chique. Será que nós não vão sair na Globo?



Ah! Tava indo embora e me esquecendo da prosa que tive com o tenente Ricardo, moço da Polícia Ambiental do Espírito Santo. A prosa ocêis só vão saber no próximo número da revista. Intê pra todos.



CEASA E CINTURÃO VERDE

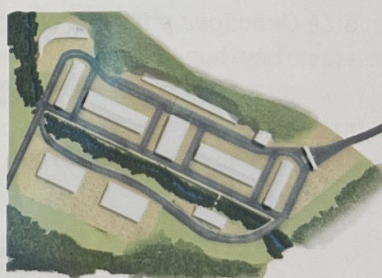
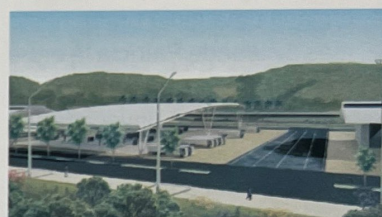
Programas valorizam produtores

A Prefeitura de Ipatinga, a Associação dos Municípios do Vale do Aço (AMVA) e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER - MG), lançaram o Programa Cinturão Verde do Vale do Aço. Através de diversas parcerias que serão implementadas pelo programa com SEBRAE, SENAR e outras instituições será facilitado o acesso dos agricultores e suas famílias a novas tecnologias e conhecimentos, capacitando-os para o trabalho, geração de renda e preservação ambiental. O objetivo do programa é ampliar a produção agrícola da região, pois atualmente cerca de 80% dos produtos agrícolas consumidos no Colar Metropolitano do Vale do Aço (que possui aproximadamente um milhão de habitantes) são provenientes de outros centros.

Outra importante medida de apoio aos produtores rurais anunciada pela parceira prefeitura de Ipatinga/AMVA/EMATER é a instalação de uma Central de Abastecimento (Ceasa) no município. Serão dois pavilhões para atacadistas, quatro pavilhões com 108 lojas, área de lazer, praça de alimentação, um bosque para preservação ecológica do local e um estacionamento com capacidade para quase mil carros. A central beneficiará tanto os varejistas da região, que terão um local mais próximo para se abastecerem, quanto aos agricultores e atacadistas que terão um lugar para escoamento da produção.

As obras de construção da Ceasa devem começar no mês de julho em um terreno de 320 mil metros quadrados no Distrito Industrial da cidade, próximo ao aeroporto. A área construída será de 50 mil metros quadrados e terá um custo estimado de R\$ 30 milhões. A construção da Ceasa vai gerar mais de 1000 empregos diretos e atenderá cerca de 70 cidades da bacia do rio Doce, transformando a região num importante eixo agrícola.

Segundo o presidente da AMVA, o prefeito de Ipatinga Sebastião Quintão, o Vale do Aço tem capacidade de produzir pelo menos 60% de sua necessidade de consumo e "com a construção do Ceasa, todos vão ganhar, seja no tempo, na qualidade dos produtos rurais, ou na venda com preço mais acessível".



Para conhecer mais sobre o projeto acesse: www.ipatinga.mg.gov.br





Espaço das águas

Festival Capixaba da goiaba



A fruticultura consolida-se a cada dia no Espírito Santo envolvendo boa parte da bacia do rio Doce. Entre 03 e 05 de agosto de 2006, Cristal do Norte, distrito de São Gabriel da Palha, faz o Festival Capixaba da Goiaba. São esperados mais de 500 produtores, empresários do ramo, agentes financeiros e técnicos, além de um público superior a 3.000 participantes nos cursos, palestras e feira. A realização é do IDRAS (Instituto de Desenvolvimento Sustentável), em parceria com a Secretaria Estadual de Agricultura do Estado do Espírito Santo, Incaper, Suco Mais, Trop-Fruta do Brasil, Cristallocoop. Os coordenadores são Dalmo Nogueira, Octaciano Neto, João Luís Castanheira e Júlio Antônio Saraiva. Mais informações com Gabriela Siqueira pelos telefones (27) 3373-6866 / 8128-8772 ou pelo e-mail idrasinhares@hotmail.com

Projeto Renascer

Em Manhuaçu, Minas Gerais, um grupo de jovens da Pastoral da Juventude da comunidade de Soledade, distrito de Sacramento, tomou uma iniciativa para o bem-estar da natureza. Há seis meses, através do Projeto Renascer, eles fazem levantamento de nascentes de afluentes do rio Manhuaçu e ainda realizam um trabalho de conscientização para preservação e conservação na comunidade local. Parabéns pela iniciativa!

Gente Nossa



O homenageado da quarta edição é o nosso companheiro Juceli Neves, responsável pelo visual da REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE. Há mais de 10 anos Juceli se dedica às artes gráficas. No seu portfólio estão as capas dos três CDs do grupo musical do qual faz parte, a Banda Chama, além de cartazes, revistas de circulação regional e livros. Nascido e criado na bacia do rio Doce, na cidade de Caratinga, Juceli completou mais um ano de vida agora em junho.

Nosso diagramador continuará mostrando seu talento nas próximas edições.

Agradecimento

A REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE tem recebido inúmeros elogios por carta, e-mails ou pessoalmente. Bibliotecas, centros acadêmicos e escolas querem recebê-la e colecioná-la. Nós, da redação, ficamos muito agradecidos em nome de todos aqueles que trabalham para tornar nossa revista uma realidade: repórteres, colaboradores, colunistas, revisores, fotógrafos, diagramador, gráficos, enfim, toda a nossa equipe.

Agradecimento especial

Fazemos um agradecimento especial pela emoção que nos provocaram os sinceros cumprimentos de Martha Batista, de Nova Era, Minas Gerais. Ela é irmã de Eliezer Batista, que durante muitos anos presidiu a Companhia Vale do Rio Doce. Em carta de cumprimento, escrita à mão e entregue no IGAM, ela parabeniza o trabalho da equipe do Projeto Águas do Rio Doce e diz: "Estou encantada com a revista belíssima 'Águas do Rio Doce'. (...) Estava iluminado quem teve a feliz idéia de elaborar e executar este trabalho. Parabéns!", escreveu. Dona Martha, muitíssimo

obrigado! Esta revista é para pessoas como a senhora que têm orgulho em dizer "eu sou do Doce".

Sertão do Rio Doce



O livro "Sertão do Rio Doce", de autoria do professor Haruf Salmen Espíndola, foi apresentado ao público, em noite de autógrafos no estande da Livraria Cordis, na Feira das Águas, em Colatina.

Lançado pela editora Univale, "Sertão do Rio Doce" aborda a guerra de conquista na região do rio Doce no século XX, enfocando particularmente as motivações econômicas que estimularam o projeto de ocupação territorial e o impacto das políticas governamentais.

O professor doutor Haruf Salmen é coordenador do Núcleo Regional de História e professor na Univale (Universidade Vale do Rio Doce), em Governador Valadares, onde foi pró-reitor acadêmico. Doutor em História

Econômica pela USP, mestre em História Política pela UnB, atua na área de História Regional e História Ambiental.



A partir da nossa próxima edição o professor Haruf nos dará a honra de abrir uma nova seção na REVISTA ÁGUAS DO RIO DOCE onde escreverá sobre a história da bacia. Aguardem.

Sebastião Salgado



Os 20 quadros que fazem parte da exposição Exodus, do renomado fotógrafo Sebastião Salgado (nosso homenageado na seção "Eu Sou do Doce", edição nº2), expostos durante o II Fórum das Águas do Rio Doce foram doados pelo Instituto Terra ao Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce (CBH-Doce). Na próxima reunião do CBH-Doce o Projeto Águas do Rio Doce fará a entrega oficial e uma exposição dos quadros.

Alessandro Zuliani

O fotógrafo ítalo-capixaba Alessandro Zuliani, que também teve suas fotos apresentadas durante o Fórum das Águas em Colatina, através de uma exposição virtual, começa a ser descoberto pela imprensa brasileira. Um importante veículo de circulação nacional vai publicar uma matéria especial sobre o livro de Zuliani "Brasil: Coprire o Scoprire" (Brasil: cobrir ou descobrir).

Cartas para redacao@aguasdoriadoce.com.br
ou Caixa Postal 13 - CEP: 35148-000
Dom Cavati - Minas Gerais

Rio Doce

Rossini - 2005

Era uma vez
Uma veia nobre da Terra
Chamada Rio Doce
Que caminhava impávido
Gerando vida até o mar

Mata Atlântica
Bela, pujante.
Era sua amante
Ele se adentrava nela
Pulsando vida no ar
Num regozijo só!

(...)
O Rio Doce adoeceu
Chorou tanto
E suas encostas
Racharam de saudades.

Ainda assim
Generoso que é... Perdoou.
... continuou espalhando vida
até o mar.

(...)
Agora,
A surdocrasia que afoga o Rio
Doce
Lava as mãos
Na burocracia.

O que dirão de nós
Os filhos
Dos filhos
Dos nossos sonhos?



Espaço das águas

Cidades da Bacia



Fotos / Assessoria de Comunicação

BAIXO GUANDU

Pólo regional em desenvolvimento

Baixo Guandu é o primeiro município cortado pelo rio Doce no Espírito Santo. Além de fazer divisa com a cidade mineira de Aimorés é vizinho dos municípios capixabas de Laranja da Terra, Pancas, Itaguaçu e Colatina. Localizado a 183 km da capital, Vitória, é servido pela BR 259, pelas rodovias estaduais ES 164, 165 e 446, e pela Estrada de Ferro Vitória-Minas.

A economia local é baseada no granito. O município possui uma das quatro maiores reservas do Espírito Santo, sendo responsável por 16,4% do total explorado no estado. Atualmente são cerca de 40 empresas de extração de granito, que geram perto de 500 empregos diretos. A principal região produtora de rochas ornamentais é o norte do município, na bacia do rio Mutum Preto.

Outras atividades como a produção de café, quiabo, tomate e milho, a fruticultura, a agropecuária, as indústrias de confecção, olarias, o artesanato e o ecoturismo vêm impulsionando o

desenvolvimento econômico da cidade e transformando Baixo Guandu em pólo regional. Um destaque é a produção de manga que começa a ser exportada para os Estados Unidos.

A preocupação com o meio ambiente mostra-se através da destinação correta do lixo. O município possui uma Unidade de Tratamento de Lixo, com aterro sanitário. A coleta seletiva é feita nas escolas. O lixo coletado é separado na Usina de Reciclagem. Com o lixo orgânico é feita compostagem.

A cidade pertence ao seletto grupo do Consórcio do Meio Ambiente da Bacia do Rio Guandu, o único do gênero em toda a bacia do Doce e tem o seu prefeito como presidente do grupo. A meta do município e dos demais parceiros do consórcio é buscar a erradicação do lançamento do esgoto doméstico *in natura* nas águas do rio Guandu transformando-se na primeira bacia a ter 100% do esgoto tratado no país.

Além do rio Guandu, que lhe dá nome, o município é banhado pelos rios Mutum,

Mulembá, Sapucaia e Naquiji, e os córregos do Laje e Queixada. Majestoso, o rio Doce atravessa Baixo Guandu por um longo trecho de 30 quilômetros.

O relevo montanhoso em torno da cidade, modelado em rochas cristalinas, proporciona um clima agradável e favorável ao turismo. O maior afluxo de visitantes ocorre principalmente nos meses de maio, junho, setembro e novembro, quando acontecem as festividades tradicionais de Baixo Guandu, dentre elas, a Semana do Meio Ambiente, a Festa de São Pedro, o Festival da Manga e a Feira de Cultura.



História

Os primeiros habitantes de Baixo Guandu foram os índios botocudos, chamados de “bugres bravos” porque resistiam à implantação do aldeamento e de colônias que tentavam se instalar na região. A colonização veio em 1875 com a chegada do major José Vieira de Carvalho Milagres.

Partindo de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, atravessou Minas Gerais e prosseguiu até a confluência do rio Doce com o rio Guandu, onde se fixou, estabelecendo o núcleo primitivo da atual cidade de Baixo Guandu. A partir de então, imigrantes europeus de origem italiana, alemã, espanhola e portuguesa foram para a região.

A emancipação de Baixo Guandu só foi acontecer em 1935, 60 anos após a fixação dos primeiros moradores.



Você sabia?

A área urbana de Baixo Guandu foi a primeira do país a ter água tratada com flúor. Desde 1953 a população tem acesso a este benefício.

Mascarenhas

A Usina Hidrelétrica de Mascarenhas começou a ser construída em Baixo Guandu em 1968. Foi inaugurada em 1974 com 123MW de potência e repotenciada em 2000 passando a gerar 131 MW. É uma usina a fio d'água, possuindo um reservatório de 3,9 km² de área e capacidade de armazenamento em torno de 21.800.000 m³. Sua casa de força foi construída prevendo a implantação de mais uma unidade geradora.



Conservar o rio é garantir a vida



Lastênio Luiz Cardoso
Prefeito de Baixo Guandu

O Consórcio Guandu, que eu tenho a honra de presidir, não sorteia prêmios, mas resgata a vida. Ele é importante pra todos que sobrevivem do rio. Melhorando suas águas estamos fazendo a nossa parte pela melhoria da qualidade do rio Doce.

A verdade é que se não fizermos nada agora futuramente pode não haver mais tempo. Quando eu era criança este rio tinha muitos peixes. Eu brincava no rio. Com o aumento da população nas suas margens ele está quase morrendo. Sabemos que os rios existem antes das civilizações. E se o rio morrer, acaba a cidade. A degradação atual tem que dar lugar a uma bela paisagem no futuro. Para isso é necessário o trabalho de todos.

Nós, prefeitos, não governamos só por quatro anos, governamos para o resto da vida do nosso povo. E devemos nos lembrar que uma ponte ou um calçamento podemos fazer todo dia, mas reconstruir o rio... só Deus



A beleza existe quando
há harmonia entre os seres.

Projeto Monitoramento da Fauna - As plantações florestais ampliam a área de vida de diversos animais, dentre eles, o macaco-prego.

5 de junho - Dia mundial do Meio Ambiente



Celulose Nipo-Brasileira S.A.

Arcelor Brasil

O TEMPO ESTÁ SE ESGOTANDO

A cada dia que passa estamos cada vez mais próximos do esgotamento do maior bem natural do nosso planeta: a água. É hora de todos — governos, empresas, pessoas — olharem para o mundo à sua volta e enxergarem a gravidade da situação. A Arcelor Brasil, que agrupa Belgo, CST e Vega do Sul, assim como o Grupo Arcelor, que também controla a Acesita, coloca a responsabilidade com o homem e com o planeta no centro de sua estratégia de desenvolvimento sustentável. É por isso que temos reduzido proporcionalmente o consumo de água doce em nossas usinas, com o uso racional e uma elevada taxa de recirculação interna. É assim que estamos dando continuidade à nossa vocação natural de crescimento, ampliando nossas atividades no Brasil e na América Latina sem comprometer o ambiente que nos sustenta. Isso é sustentabilidade, uma atitude que pode — e deve — ser de todos nós. Não há tempo a perder. Cuidar da água é cuidar da vida.

mp



ISE

Índice de
Sustentabilidade Empresarial

ÚNICA EMPRESA DO SETOR
SIDERÚRGICO A INTEGRAR O ISE-BOVESPA.

 **arcelor**

Acesse nosso site www.arcelor.com/br